QuickTime Player File Edit Movie QTV
Mon 1:48
Macmania
MACMANIA
eppur_si.mov
50 DICAS de Mac OS X
00:02:15
Transforme seu Mac em um aquário
A incrível câmera digital espiã
Raios duplos! Testamos 6 no-breaks
10 games que você não pode perder
Qual é a do WebObjects?
Ano 8 2001
Nº90 R$ 7,00
BOOKMAKERS
ISSN 1414-4395

Rendam-se, terráqueos

KLAATU BARADA NIKTO! ...desta vez vocês me fizeram pesquisar bastante! Mas se bem que tem tudo a ver, afinal a Terra pára quando Jobs acorda com alguma idéia nova.
Abraços.

Ronaldo Q. Ferreira
ronaldoqf@uol.com.br

Cê vê? E teve nego dizendo que ninguém ia saber do que a gente estava falando...

Infiltrado

Trabalho em uma multinacional (epa, empresa global) onde Wintels reinam. Como trabalho no departamento de Marketing e Comunicação, batalhei um iMac 233 há dois anos e consegui ajudar a "tchurma" de suporte a configurar o NT pra permitir *login* e compartilhamento de arquivos. O próximo desafio foi conseguir imprimir — e hoje fazemos isso nas duas impressoras, uma Xerox multifuncional (DC-230) e a totozura da Tektronix 780P.

Depois batalhei o Office e minha equipe começou a ficar mordida pelo bicho. O impacto do micro "bonito" do Marketing no meio dos engenheiros e vendedores apenas contribui para a propagação de dois mitos clássicos: o da viadagem no marketing e o da frescura da Apple.

Inveja dói, mas tem resposta. Uma análise que não deixa dúvidas, a tal de TOC (*Total Cost of Ownership* ou custo total de propriedade) demonstra uma coisinha que corta os argumentos de que estamos "boicotando" o padrão da empresa: enquanto os PCs (desde clones até micros de marca) têm seu sistema operacional reinstalado pelo menos duas vezes por ano, o bom iMac (que hoje tem a companhia de dois G3) só foi mexido para receber os updates do sistema 8.5, 8.6, 9, 9.04, 9.1 e agora o 9.2.1. Em quase três anos! Mas a questão pegou mesmo no uso do Lotus Notes. Consegui baixar a versão 5.0.8 e ele roda bem pracas.

Descobri isso tudo muitas vezes a duras penas, pois na Apple não se encontra suporte desse tipo — mais um nicho não explorado. Hoje vemos cada vez mais empresas oferecendo esse serviço de consultoria, o que é ótimo. A comunidade se ajuda, é verdade. Mas tem momentos em que a coisa trava. Mandei a dica do Notes para um amigo em uma revenda no RS e ele vendeu um PowerBook para um diretor de uma empresa que havia se apaixonado pelo bichão, mas não o pôde comprar antes porque não poderia usar o Notes. Hoje ele pode, e usa.

Ainda tem coisas que ficam sem explicação: nosso acesso à rede não usa IP fixo (usamos DHCP) e apanhamos um pouquinho para acetar os detalhes. O cliente Notes não conseguia "ver" o servidor de Notes. Fucei bastante, até no arquivo Hosts (que segue um formato especial no Open Transport), mas conseguimos fazer funcionar depois de algumas tentativas.

O acesso a Web é feito através de um *proxy* da Microsoft – que só valida quem usar um browser da própria. Só que ele não entende isso diretamente no IE pra Mac – então entra um pedido de senha muitas vezes em uma mesma página... Chato, pra dizer o mínimo. E o caso dos vírus? Deu pena ver o pessoal apanhando por quase duas semanas pra limpar as máquinas do Nimda. Eu sorria e dizia: "nos nossos Macs não deu nada".

Luis Ferreira
Dana Brasil

Bom complemento para a matéria de capa da última edição. Você deveria ser condecorado por sua atuação na batalha para pôr o Mac dentro de uma grande empresa. Precisamos liberar nossos pobres executivos do sofrimento de ter que usar laptops, sem graça e com drive de disquete!

Arquivos temporários

Meu nome é Rafael, tenho 17 anos e possuo um iMac DV 500 MHz. Recentemente formatei minha máquina e reinstalei o Mac OS 9.0.4, que tem um bug de não deletar os arquivos temporários. Sei que, no update para o Mac OS 9.1, esse problema é resolvido, e sei também que o shareware chamado EmptyTempFolder também funciona, mas não consigo atualizar o sistema e não encontro mais o EmptyTempFolder em lugar nenhum. Como sei que há muitas pessoas na mesma situação que a minha, explico como fazer um tremendo trambique. Primeiro, crie um atalho do HD na pasta Apple Menu Items. No menu aparecerão as pastas visíveis e invisíveis, como é o caso da pasta Temporary Items. Você não conseguirá abri-la, mas verá o nome dos arquivos que estão dentro dela. Sabendo o nome dos arquivos localize-os através do Sherlock; depois, a partir do próprio programa, arraste-os para a lixeira e pronto. Empty Trash neles.

Rafael Ramister
ramister2@ig.com.br

A dica até é interessante, mas ainda é mais fácil usar um programinha que faz tudo "tomaticamente". Uma busca rápida por "temporary" no VersionTracker.com revelou dois. O AutoPurge 2.5.1 (que por sinal, é a nova versão do EmptyTempFolder) e o Eradicator 1.6. De qualquer modo, você ganhou pontos pela dedicação.

Segurança no Mac OS X

Quando eu era usuário de PCs e Windows, visitava a página grc.com (Shields UP), onde eles testam as portas do seu computador informando se elas estão ou não abertas a eventuais acessos quando você está conectado à Internet. Se a porta 139 (NetBIOS) estiver aberta, eles dão algumas dicas de como fechá-la na página "Network Bondage". Quando adquiri meu iMac (com o Mac OS 9), acessei imediatamente a página e fiquei feliz, porque a análise feita no meu computador mostrava: *"Your computer has responded that this port exists but is currently closed to connections."* Mesmo depois que instalei o DAVE, era só desabilitar o NetBIOS no OS 9 que o meu computador estava seguro.

Enquanto isso, pelo PC do meu filho descobri (ainda no GRC) que o Windows 2000 e depois dele o Windows XP escancaravam uma nova porta (445 - MSFTDS) do nosso computador para o mundo, que era impossível de ser fechada, tornando-se necessário o uso de um *firewall*. Felizmente, no mundo PC existe o ZoneAlarm.

Aí comprei o Mac OS X, atualizei para 10.0.4, e qual não foi a minha surpresa quando vi o meu iMac de portas abertas para o mundo (139 e 445)? Felizmente, isso só acontece quando tenho o DAVE instalado no OS X ou quando o Classic está rodando (também com o DAVE instalado).

1. Existe alguma maneira de se fechar essas portas no Mac OS como existe no Windows?
2. Se não, existe um *firewall* para Mac tão fácil de se usar quanto o ZoneAlarm para Windows?
3. Ou simplesmente deixo de usar o DAVE?

Davi Livingstone
daviston@mac.com

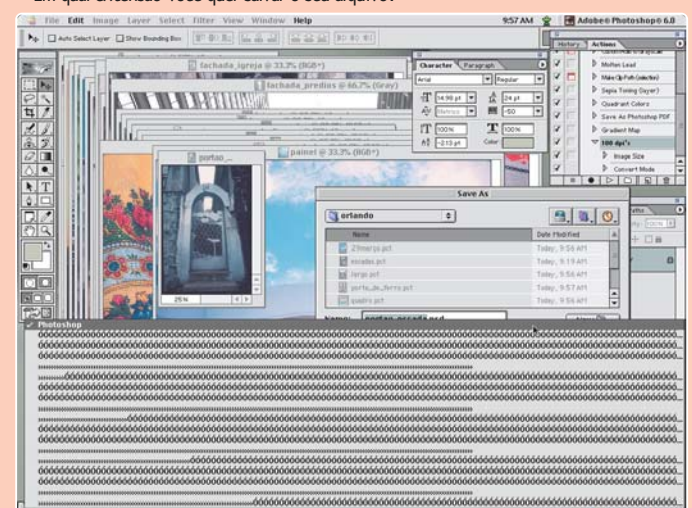
1 - Basta desinstalar o DAVE, tanto do X quanto do Classic. Estas portas são deixadas abertas pelo DAVE...
2 - O OS X tem um firewall embutido, acessível pela linha de comando. Existe um shareware (gNAT) que dá uma interface gráfica a ele.
3 - Talvez seja o caso, se você estiver usando o DAVE apenas para troca de arquivos, sem compartilhar impressoras. O cliente SMB embutido no OS X 10.1 dá conta do recado. E você pode instalar um servidor Samba para ter o acesso no sentido PC-Mac.

Partição separada

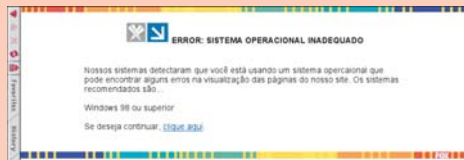
Estou preparando o meu G4 para rodar OS X. A minha dúvida é a seguinte: no momento o meu OS 9.1 está funcionando bem, mesmo eu tendo os aplicativos (Photoshop,

Índice

Bomba do leitor

Um certo dia, o bom e velho Photoshop perguntou:
"- Em qual extensão você quer salvar o seu arquivo?"

Danilo
danilo@visaopublicidade.com.br

De olho no preconceito!

Olhem o que tive que "aturar" quando tentei acessar ao site mundofox.com...

Daniela
daniela_marina@ig.com.br

Norton, Illustrator, Office etc.) todos instalados numa partição separada. Eu notei que no OS 9 alguns programas como Sherlock e utilitários têm que estar dentro do folder "Applications (OS 9)" da partição do sistema para funcionar. Mas todos os outros aplicativos (não-Apple) estão funcionando bem. Eu já dividi o meu HD em quatro partições; uma chamada OS 9, outra OS X, mais uma APPS e finalmente FILES. Cada uma contém os itens descritos pelos seus nomes. Será que a minha configuração terá problemas quando eu instalar o OS X? Estes aplicativos vão poder ser acessados no ambiente Classic do OS X? Vai funcionar?

Derick Arippol
darippol@hotmail.com

Não sei o que acontece com seu Mac OS 9, mas não é preciso que o Sherlock ou qualquer outro programa esteja na pasta "Applications (OS 9)" para funcionar. Dividir em quatro partições é meio exagero, mas se seu disco é grande, pode ir em frente. A única recomendação importante é instalar o Mac OS X na primeira partição.

Macmania salva!

Estava eu em casa, num domingo ensolarado, trabalhando (brincando) no meu G4 400 quando tive uma idéia (péssima por sinal) de ver se não tinha nenhum update para fazer. Sim, precisava... de *firmware* e de uma outra coisa que, depois do susto que eu passei, nem lembro mais o que era. Fiz o download pelo Software Update do OS 9.2.1, segui todos os passos direitinho, apertei o botão de Power e CADÊ MINHA MEMÓRIA? A memória que eu demorei pelo menos um ano para conseguir, MEUS 512 MB! Cadê? Cadê? Desespero! Lembrei que eu tinha lido sobre isso na Macmania, mas não lembrava se tinha alguma solução. Procurei desesperado, e ali estava: página 10 do número 83! Li sobre como fazer a correção, mas continuei desesperado, pois no final do artigo estava escrito: "Se tudo isso não der certo, sente e chore." Respirei fundo. Peguei o programa DIMMFirstAid. Fiz tudo que vocês disseram e... 320 MB? Como assim, só metade? Fiquei mais aliviado, mas não contente. Mudei as memórias de slot. Liguei de novo o Mac, e 320 MB ainda. Rodei mais uma vez o DIMMFirstAid. RESTART. Suando frio, selecionei "About This Computer" e HE'S ALIVE!! HE'S ALIVE! 576 MB! Quase chorei de emoção. Mas faltava uma coisinha só: o teste de memória no *startup*. Será que precisa mesmo? Liguei ele no Memory. Restart. Tudo voltou ao normal. O domingo continuava ensolarado. Pensei: preciso mandar um email agradecendo à Macmania, que graças a ela meu G4 voltou ao normal. Muito obrigado a toda equipe. Sou assinante e agora tenho certeza que estou assinando uma revista ótima e séria que esta fazendo o que propõe: ajudar os macmaníacos como eu.

Andre Waler
andrewaller@yahoo.com

Ficamos felizes por ajudar. Pena que você não lembrou que a gente tinha escrito sobre o assunto antes de fazer o update. Imagine a dor de cabeça que seria evitada. Mas é como diz o Millôr: "É errando que se aprende. A errar."

Anglomania

Com relação à carta do leitor Claudio Lessa, gostaria de esclarecer, como professor universitário e pesquisador da área de engenharia, que a expressão "estado da arte" é amplamente utilizada em universidades e centros de pesquisa no Brasil já há bastante tempo. A expressão está corretíssima e o autor na Macmania utilizou-a apropriadamente, apesar do salário baixo...

Roberto Emery
emery1@Mac.com

Aqui na Macmania compreendemos que a língua portuguesa é uma coisa mutável, flexível, melíflua e impossível de ser presa a normas rígidas sem causar dor ao paciente. "Estado da Arte" é realmente um anglicismo. Mas usuários de um computador chamado Apple *que mandam* emails*, navegam em* browsers *de Web e fazem* becapes *já perderam a castidade da sua língua faz tempo.*

Homem, urru!

Que perobo, hein! Viu como tem modelos bonitos por aí? Este Fabrizio está com tudo em dia mesmo. Pôxa! Que tórax! Gostaríamos de agradecer o atendimento de nossa solicitação para a colocação de garotos na capa. Ficamos muito felizes e contentes de saber que a Macmania é despida de preconceitos, até mesmo quando se trata de quantidade de pêlos nas mãos. Nossa empresa ficou muito satisfeita em saber do comprometimento que esta revista tem com seus leitores. Nesta edição pudemos constatar isso. Temos que confessar que a capa não nos agradou tanto assim, mas em compensação aquelas fotos do interior da revista ficaram excelentes. E claro que essas fotos dão um fechamento sem igual para a excelente matéria sobre qual Mac se deve comprar. Um abraço e parabéns a todos vocês.

Marta, Fernanda e Márcia
marta_regina@hotmail.com

Não se pode agradar a todos o tempo todo, mas a gente tenta. Ainda estamos devendo uma capa para os leitores fanáticos por ornitorrincos albinos, mas um dia chegamos lá.

Macmania converte mais um

Nunca pensei que pudesse existir uma revista que trata de termos técnicos de informática de maneira que o leigo possa entender!!! Eu tinha pavor dessas revistas de informática que falam de "placa umbórginumseidasquantas padrão aiuantispikibornai"!!! Umas porcarias que só meia dúzia de gente entende!!!!!! Eu não uso Mac (ainda), mas quando li a Macmania, parecia que eu já mexia com Mac a minha vida inteira!!!
É muito fera a revista!!!!!!!!!!!!!!!!!
Parabéns pelo ótimo trabalho!!! Agora fiquei mais louco ainda pra comprar um Maczinho e mandar o meu Ruindows pro espaço!!!!! Nota 10 a revista!!!! É amor à primeira vista!!!!!
Me responde aí: como faço pra fazer a assinatura???????????

Rico
Ricoricouai@uai.com.br

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*

Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*

Patrono: *David Drew Zingg*

Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Muti Randolph, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*

Gerência de Produção: *Egly Dejulio*

Departamento Comercial: *Artur Caravante, Francisco Zito*

Gerência de Assinaturas: *Fone: 11-3253-3856*

Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*

Circulação: *Stanic Consultores Associados*

Fotógrafos: *Andréx, Clicio, J.C.França, Marcos Bianchi, Ricardo Teles*

Capa: *Tony de Marco e Mario AV*

Redatores: *Daniel Roncaglia, Márcio Nigro, Sérgio Miranda*

Assistentes de Arte: *Juliano Kirschner, Thaís Benite*

Revisora: *Julia Cleto*

Colaboradores: *Alexandre Boëchat, Ale Moraes, Carlos Eduardo Witte, Carlos H. Gatto, Carlos Ximenes, Céllus, Daniel de Oliveira, Douglas Fernandes, Fargas, Fido Nesti, Gabriel Bá, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, Jean Galvão, João Velho, Luciana Terceiro, Luiz F. Dias, Marcelo Martinez, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Orlando, Pavão, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Zouain, Roberto Conti, Samuel Casal, Silvio AJR, Tom B*

Fotolitos: *Input*

Impressão: *Copy Service*

Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. Rua Teodoro da Silva, 577 CEP 20560-000 – Rio de Janeiro/RJ Fone: 21-879-7766*

Find...

Macmania *é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda.*
Rua Topázio, 661 – Aclimação
CEP 04105-062 – São Paulo/SP
Fone/fax: 11-3253-0665

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
arte@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br

Macmania na Web:
www.macmania.com.br

O Mac na Mídia **TONY DE MARCO**

CYBER CÚMPLICES

Esse é o título do ensaio que a edição especial da Playboy "Elas juntinhas" apresentou. Nele, duas garotas fazem um quentíssimo *ménage à trois* com um iBook. Corra até a banca, implore ao jornaleiro, faça qualquer coisa, mas não perca essa revista. Dica do incansável Miranda.

WINDOWS CHISPOU

Dezenas de leitores abismados nos ligaram correndo ao ver a apresentação em Flash do Windows XP. Nela um desavisado usuário aparece instalando o bagaça num Mac velhinho, velhinho. Confira: www.microsoft.com/brasil/windowsxp/home/avaliacao/demo/video.swf
O primeiro a dar o toque foi o Flávio Alves Vidal, valeu!

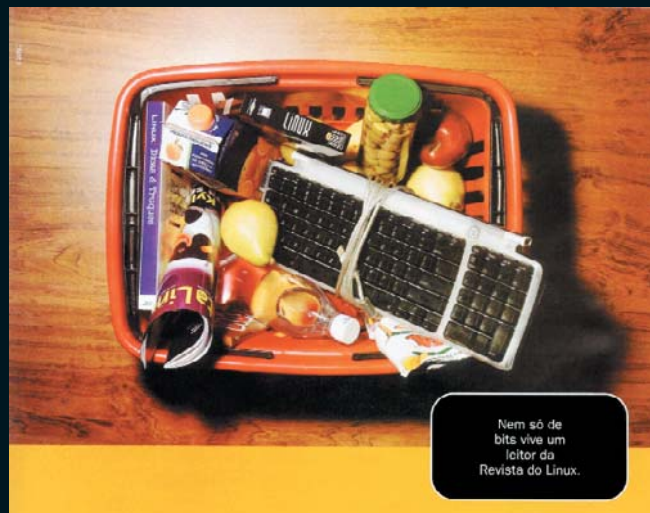
O CLONE

O iBook branquinho deu um grau na propaganda da C&A que divulga o seu site. Mas não se engane: ao lado do original da Apple colocaram uma Gisele Bündchen cover. Valeu, Raul de Santa Helena.

ROCK, POP E DESKTOP

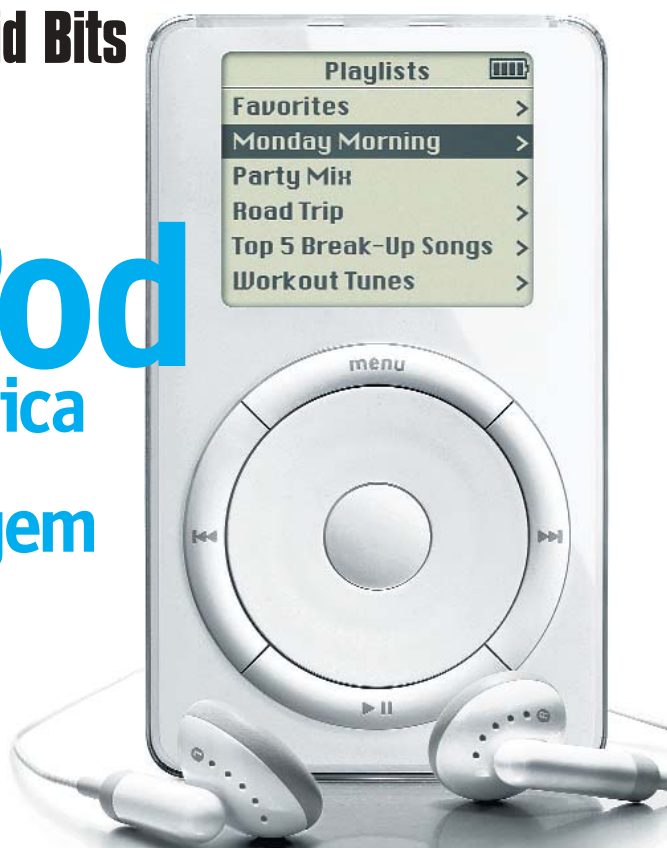
Inventaram um hilário sistema operacional para o site da banda virtual Gorillaz (adivinha a URL?). Parece familiar, não? Dica do Evandro Luiz Amaral.

A GOSTOSA DA SEMANA

O site Bella da Semana colocou a deliciosa Caroline Bukowski para brincar com um iBook (sempre ele!!!). Essa quem achou foi o Ricardo Tannus.

OS PINGUINS TAMBÉM COMEM MAÇÃS

A Revista do Linux colocou um teclado da Apple na cesta básica do nerd feliz. Só falta eles adotarem nosso slogan: *Unix venceremos!* Valeu, Pedro Vieira.

www.laerte.com.br

iPod música para viagem

O convite para os jornalistas americanos conhecerem o novo lançamento da Apple era misterioso. Só dizia: *"dica – não é um Mac"*. Uma semana depois, Steve Jobs em pessoa apresentou o **iPod**, um tocador de MP3 e HD FireWire de 5 GB que mede 10 por 6 por 2 centímetros e pesa 185 gramas.

Com capacidade para algo como mil músicas em formato MP3, sua bateria pode durar, segundo a Apple, até 10 horas de som ininterrupto. O aparelho utiliza a porta FireWire para transferir os arquivos com o Mac e carregar a bateria ao mesmo tempo.

Ao conectar o iPod, as músicas e suas listas de músicas *(playlists)* do iTunes são automaticamente transferidas do Mac para o tocador, em alta velocidade (um CD inteiro pode ser enviado em menos de 10 segundos). O iPod toca som nos formatos MP3, WAV e AIFF.

A tela de cristal líquido mostra até seis linhas de texto, navegáveis por um controle rotativo que por si só já estabelece uma vantagem em relação às interfaces dos tocadores de MP3 anteriores a ele.

Mas talvez o mais interessante é que dá para utilizar o iPod como um disco externo para troca de arquivos. É possível até instalar o Mac OS e dar o *boot* por ele para consertar um disco interno com problemas, por exemplo.

O iPod já vem com o iTunes 2.0 e custa US$ 400. Previsto para chegar ao Brasil em dezembro, seu preço em reais ainda não estava definido até o fechamento desta edição.

Você pode ver o vídeo do lançamento do iPod em www.apple.com/quicktime/qtv/ipod

iTunes 2 ainda mais completo

Junto com o lançamento do iPod, a Apple aproveitou para apresentar a nova versão do seu programa de áudio, o **iTunes 2.0.1**. O upgrade traz três novas funções, todas elas insistentemente pedidas pelos seus usuários, que até este momento perfazem mais de seis milhões de macmaníacos.

O iTunes ganhou um equalizador gráfico de 10 bandas com 20 padrões prontos *(presets)*, podendo-se criar outros e editá-los à vontade, assim como associar *presets* de equalizações a faixas específicas do acervo. O programa finalmente aprendeu a gravar CDs de MP3 (e não apenas de áudio, como o anterior) que abrem em Macs e PCs. O efeito de transição *(crossfading)* junta o fim da faixa corrente com a próxima; a duração da sobreposição é ajustável. E finalmente há o efeito opcional Sound Enhancer, que melhora o som de alguma maneira que a Apple não se preocupou em explicar – basta saber que funciona. E o bicho ainda sincroniza o acervo com o iPod automaticamente.

O iTunes 2.0.1 está disponível para download e pode ser instalado em qualquer Mac com Mac OS a partir do 9.1 ou OS X 10.1. Assim como a versão anterior, ele é de graça. O motivo para o número quebrado é que a versão 2.0, que ficou apenas um dia no site da Apple, tinha um bug nefasto que durante a instalação apagava discos ou partições no Mac OS X que tivessem um espaço no nome. Ooops!

iTunes: www.apple.com/itunes

- Equalizador
- Grava CDs de MP3
- Transição suave entre as músicas
- Efeito melhora o som

Enquete

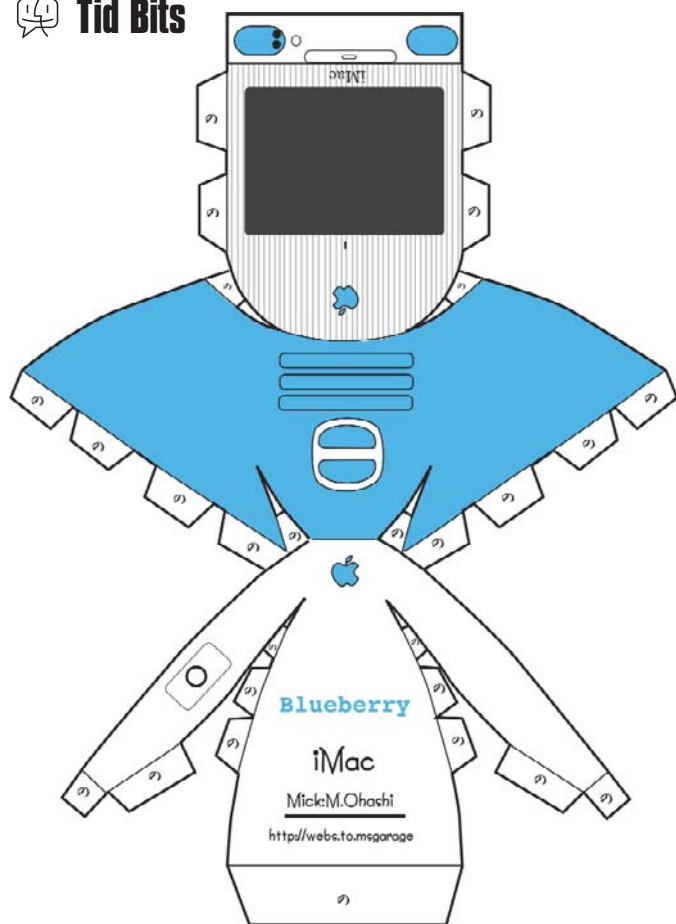
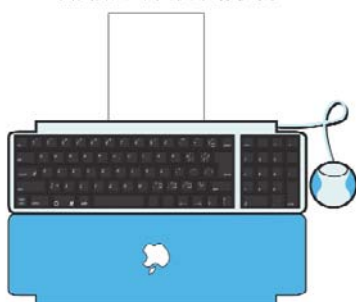
Perguntamos no nosso site:
O que você achou do iPod?

Compraria já, se fosse mais barato
60,57%

Apenas mais um tocador de MP3
13,71%

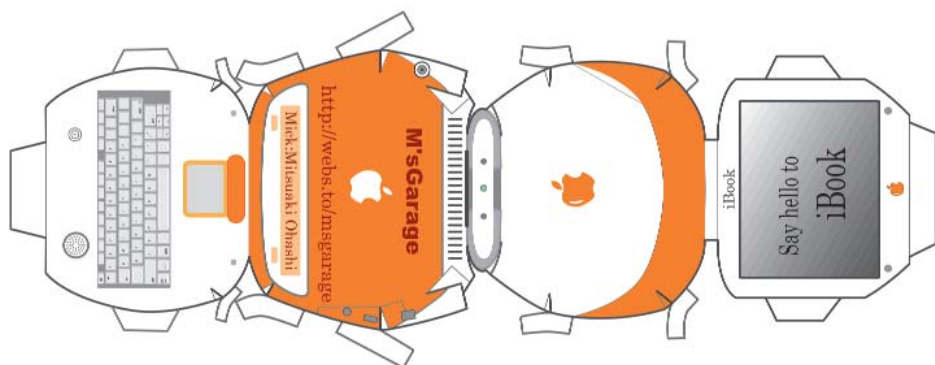
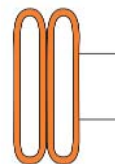
Vou esperar a versão 2.0, com 20 gigas
10,29%

Revolucionário. Já reservei a grana para o meu
9,14%

É o novo Cubo. Vai ser um fracasso
6,29%

Faça seu próprio Mac

Já que não dá para comprar todos os modelos de Macs já lançados, que tal *fazê-los* você mesmo? Pelo menos, em miniaturas de papel. O site **The Apple Collection** tem uma grande coleção de modelos de Mac para recortar, dobrar e colar, indo do Classic II e Macintosh SE, passando pelos iMacs, até o novo iBook. Para construí-los é fácil: acesse o site e baixe o arquivo (em formato PDF)do Mac escolhido. Depois, basta imprimir o documento. Para obter melhores resultados, é recomendado utilizar papel grosso. Cortando e colando as partes indicadas, você tem uma miniatura de um legítimo Macinstosh. Não dá para acessar a Web com ele, mas vai fica bem na mesa ao lado do verdadeiro. Ou então, o Playmobil do seu filho acaba de ganhar um belo computador.

The Apple Collection: www.theapplecollection.com/Collection/PaperMac

Pegue na Web coleção de modelos para recortar e colar de todos os Macs

À mão livre

Wacom chega ao Brasil com grandes novidades

A Wacom, conhecida fabricante de *tablets* (mesas digitalizadoras), está desembarcando no Brasil. E vem com três novos produtos na bagagem: o **Cintiq** *(foto)*, uma tela gráfica interativa, o **Intuos 2**, tablet gráfico profissional, e o **Graphire 2**, para usuários domésticos. O Cintiq impressiona: é uma mistura de tablet com monitor de alta definição – você pode fazer tudo diretamente sobre a tela. Nada mais intuitivo. O pequeno porém é o seu preço: R$ 11 mil. Os requisitos mínimos para utilizar o Cintiq com o Mac são Mas OS 8.6, porta USB e conector DVI ou VGA. Os outros produtos são mais tradicionais. O Graphire é o mais conhecido; vem com um mouse sem fio, além do tablet e da caneta. O Intuos é parecido com o modelo amador, mas tem o dobro dos níveis de pressão na caneta, 2,5 mil linhas de resolução e cinco tamanhos diferentes. Os produtos da Wacom estão sendo vendidos aqui pela Access.

Access: 11-3815-9987

Já que a Apple não faz o tão sonhado *pen computer*, alguém tem que fazer

Feito em Mac

Arquivo X mineiro

O que é preciso, hoje em dia, para fazer um filme... uma idéia na cabeça e uma câmera digital na mão? Essa equação ficará completa se você acrescentar a plataforma Mac para edição de imagens e pós-produção. O Mac é a ferramenta ideal tanto para cineastas profissionais como para aquele pessoal que imaginava um dia poder criar um filme, mas não tinha a grana necessária. Atualmente é possível transformar esse sonho em realidade com um pequeno investimento e um bom Mac.

Foi o que aconteceu com Tony Martin, de Belo Horizonte. Entusiasmado com as possibilidades oferecidas pelo computador e o vídeo digital, juntou uma turma para rodar "**Híbridos: Sementes da Invasão**", um piloto para uma série de ficção científica brasileira. "A história é simples: o esquadrão CAEX é incumbido de eliminar o Híbrido, um experimento alienígena. destinado a criar uma raça de seres superiores para iniciar uma invasão da Terra", explica Tony.

Simples mesmo foi a previsão de orçamento para a produção: R$ 6 mil, incluindo pré e pós-produção. "Esse custo é, aproximadamente, 10 vezes menor do que se optássemos por trabalhar com película", afirmou Martin. Para o diretor, a era do vídeo digital, apesar de não ter o charme e o clima do filme tradicional, torna um projeto viável por causa dos custos reduzidos. "E o melhor: não estouramos nossa proposta de orçamento". A estrutura de edição, pós-produção e computação gráfica foi toda baseada num Mac. Os programas utilizados foram Photoshop, Final Cut Pro, Media Cleaner 5, Flash 5 e para autoria em DVD, o DVD Studio Pro. "A Apple Brasil apoiou nossa empreitada, emprestando-nos um G4 733 com SuperDrive", contou Tony.

O processo de gravação do filme foi de apenas três dias. "Durante o Segundo Festival Internacional de Curta-Metragens, aqui em Belo Horizonte, tivemos a idéia de fazer um curta no mesmo período em que acontecesse o evento", disse Tony. Depois de gravado, foram mais 35 dias para terminar o projeto, que agora está tendo seu segundo episódio, "Bioté-rio", produzido pela Cinemarketing. "Agora, estamos procurando parcerias para poder viabilizar a exibição do 'Híbridos'. Estamos pensando em criar sequências no estilo dos antigos seriados e dos gibis, sempre com um gancho chamando para o próximo capítulo", explicou.

Cinemarketing: www.cinemarketing.com.br

Grupo de cinéfilos produz curta no Macintosh

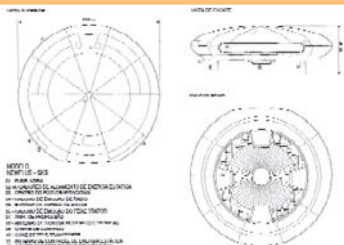
Uma nave espacial em cinco dias

Todos os efeitos digitais produzidos para o filme foram criados por Arthur Furtado e Rodrigo R. Guimarães, da **d2rstudios.** Eis o seu relato do processo de criação:

Fomos convidados para participar do projeto "Híbridos: Sementes da Invasão" pelo diretor Tony Martin. Ficamos extremamente interessados pelo projeto. pelo seu formato e pelo seu pioneirismo. O desafio nos motivou, e muito. O prazo era desafiador, e também as condições nas quais seriam feitas as filmagens, que não seriam muito convencionais.

Primeiro dia (ou melhor, primeira noite) – *Analisamos o local onde seriam efetuadas as filmagens. Discutimos diretamente com o Tony e com o Sander a respeito de como seriam realizadas as cenas onde seriam inseridos CGs.*

A primeira coisa a ser feita, foi a elaboração dos storyboards adaptados para a tomada final. Tomamos conhecimento das cenas para que pudéssemos trabalhar, fosse em 2D ou em 3D.

Segundo e terceiro dias – *Acompanhamos as filmagens e dirigimos as cenas que posteriormente seriam utilizadas para a inserção de CG. Foram várias horas de gravação; foi tomado muito cuidado ao fazer as cenas, pois qualquer erro acarretaria mais algumas horas de trabalho e não dispúnhamos delas. Na mesma madru-*

Road Show chega à maturidade

Macmaníacos e pecezistas visitaram o evento da Apple em seis capitais brasileiras

A Apple Brasil está mais do que feliz com o sucesso do terceiro **Apple Solutions Road Show**. O evento, criado em 2000, conseguiu atingir seus objetivos e se firmou como o grande ponto de encontro para macmaníacos e pecezistas "convertidos" verem o que há de mais moderno na plataforma Mac.
Neste ano, as cidades visitadas foram Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, Porto Alegre e São Paulo.
Como nas outras capitais, o Road Show de São Paulo também teve uma boa presença de pecezistas interessados em saber porque "esse tal de Mac" é tão melhor. Eles puderam ver de perto o Mac OS X 10.1 em português, além de apresentações de programas da Corel, Adobe, Macromedia e o WebObjects da Apple.
Reunidos na Câmara de Comércio dos EUA *(Amcham)*, os macmaníacos tiveram a oportunidade de ver as novas tecnologias disponíveis para o Mac e as revendas paulistas apresentaram promoções para os visitantes. As palestras tiveram um bom público, interessado em ver frente a frente o Mac OS X 10.1 em português.
"O Road Show, como evento, está chegando ao ponto ideal", comemora Rodrigo Pellicciari, gerente de produto da Apple Brasil. "Muito do que temos hoje aqui, como os workshops, foram sugestões de visitantes do ano passado. Teremos mais para o ano que vem, com as idéias que apareceram neste ano, e mais capitais brasileiras poderão ser sede do Road Show", completa. Falando de workshops, novamente foi grande a lista de espera para participar das aulas grátis de Mac OS X, DVD Studio Pro e Final Cut Pro.
"Infelizmente, nem todos os que se inscreveram puderam participar. Mas estamos pensando em aumentar a quantidade de vagas para o próximo Road Show", diz Rodrigo.

Caronas

Dos novatos no Road Show, a Alias|Wavefront (com o Maya) e a Iomega estavam muito satisfeitas com a participação do público. "Foi muito importante toda essa viagem pelo país, para reforçar nosso compromisso com a plataforma", afirmou Paulo Menezes, gerente geral da Alias|Wavefront no Brasil. Essa opinião é compartilhada por Wallace Santos, da Iomega. "Fizemos contatos muito interessantes. E queremos ir junto com a Apple para outros eventos. Temos planos para o ano que vem e os macmaníacos podem esperar novidades", disse Wallace.

Em 2002, mais cidades entrarão no circuito

gada (sendo mais especifico, às três da manhã), deixamos o set e fomos para o estúdio para modelar a nave e começar o processo.
Quarto dia – *Virados da noite passada, modelamos a nave em 3D, a partir de alguns sketches que o Sander havia desenvolvido. Paralelamente, criávamos as texturas que seriam aplicadas à nave. Em virtude do tempo, não pudemos perder muito tempo na modelagem e texturas, uma vez que teríamos ainda que fazer as composições. Tivemos que adaptar tanto o modelo quanto a textura para que fosse otimizado ao máximo o resultado final.*
Quinto dia – *Este foi o dia em que as composições foram iniciadas. Com o render da nave pronto, este teria que ser inserido nas sequências filmadas. Falando assim, parece que o processo é meio "drag and drop", mas não é tão trivial. A nave sozinha estava interessante, mas quando a integramos com as sequências de vídeo no Final Cut Pro, não havia interação entre a cena filmada e o nosso modelo 3D. No processo de composição, a nave foi corrigida, com o ajuste das luzes, gerando uma maior interação na cena. Depois, inserimos as nuvens, que também foram animadas e ajustadas.*

d2rstudios: d2r@vsnet.com.br

50 DICAS

Você já tomou a decisão: dar o passo definitivo em direção ao futuro, instalando o Mac OS X. Sábia escolha, Gafanhoto. Mas, mesmo com o visual agradável e a estabilidade do sistema, você ainda não está totalmente confortável nesse novo ambiente? Sente falta daquelas dicas espertas e gambiarras que quebravam o galho no sistema clássico? Bom, é para isso que estamos aqui! Reunimos algumas das melhores dicas para o OS X, desde as bem “babas” até outras que necessitam de coragem e algumas sessões de linha de comando. Divirta-se. E bem-vindo ao futuro!

Troque o ícone do HD

Antes da versão 10.1 do OS X, você tinha que se conformar com a onipresença daquele ícone de HD no seu desktop (ou fazer grandes gambiarras; veja a edição 87). Agora isso acabou. Um simples "copiar & colar" na janela Show Info (⌘I) no Finder, igual ao atalho do Get Info no sistema clássico) resolve o problema.

1

Mas, por um motivo ainda desconhecido, ao fazer a troca o ícone do HD pode simplesmente desaparecer. Não se desespere: basta dar um Force Quit no Finder (⌘Option Esc), também o mesmo atalho do sistema clássico). O novo ícone aparecerá, belo e formoso.

Fechando na marra

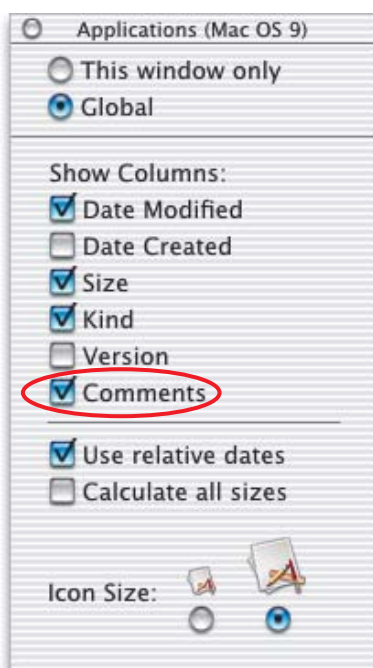
2

• O comando Force Quit (⌘Option Esc) serve para desligar "na marra" aqueles programas que teimam em travar quando mais se precisa deles.
• Alguns aplicativos rodam "escondidos" (como o Dock, por exemplo) e não aparecem na janela do Force Quit. Para "matar" um desses programas, use o programa ProcessViewer (que fica em /Applications/Utilities), para ver uma lista tudo o que está rodando. Duplo-clique o programa na lista e, na caixa de diálogo que aparece, clique em Force Quit.

• Se o Force Quit ou a dica do ProcessViewer não derem resultado, o jeito é dar logout ou restartar o Mac. O comando Log Out (⌘Shift Q), no menu da maçã, resolve a grande maioria dos pepinos, pois desativa os processos do usuário (traduzindo: o Aqua, os aplicativos e tudo o mais que não é comandado diretamente pelo sistema operacional). É quase o mesmo que um restart, só que mais rápido.
• Se tudo isso não der certo, é caso de religar tudo e começar de novo. Mas não se esqueça: salve tudo nos aplicativos ainda abertos que não travaram.

Zapeando as janelas

3

Você já sabe que o atalho ⌘Tab faz pular de um programa para outro. Ainda mais útil, porém, é o ⌘~, que pula de uma janela a outra do mesmo programa. Browsers de Web se beneficiam muito desse truque. Como nem tudo é perfeito, justamente o Finder viola esse padrão: nele, ⌘~ serve para digitar um *path* (endereço) para abrir. Ooops.

Labels quebra-galho

Os Labels (Etiquetas) foram eliminados no Mac OS X e muita gente sente falta. Para minimizar a perda, pode-se categorizar os arquivos de outra maneira:

1 Escolha o modo de visualização por lista no Finder.

2 Abra o painel View (⌘J).

3 Em Show Columns, ative a opção Comments.

4 Abra o Show Info (⌘I) e classifique os arquivos um a um, usando comentários curtos do tipo "Pronto", "Em Andamento", números ou o que mais quiser.

5 Os comentários podem ser sorteados na janela por ordem alfanumérica, exatamente como se fazia com os Labels.

6 Arraste o título da coluna Comments para colocá-la onde seja mais confortável de ler.

4

5

Várias janelas ou uma só?

Finder Preferences

Show these items on the Desktop:

- [x] Hard disks
- [x] Removable media (such as CDs)
- [x] Connected servers

New Finder Window shows:

- (•) Home
- ( ) Computer

- [x] Always open folders in a new window
- [x] Keep a window's view the same when opening other folders in the window

- [ ] Show warning before emptying the Trash
- [x] Always show file extensions

•No Mac OS X, por *default*, ao abrir-se uma nova janela o conteúdo aparece dentro dela mesma. Quem prefere o método antigo de abrir uma janela por pasta e está com a versão 10.1 pode escolher esse método nas preferências do Finder, checando as opções indicadas à esquerda.

•Clicar no botão branco do lado direito das janelas do Finder oculta a barra de ferramentas e também faz abrir as pastas duplo-clicadas em novas janelas.

•Duplo-clicar para abrir com ⌘ pressionado sempre faz abrir a pasta em outra janela, não importando as preferências nem o modo de visualização.

6

Do Desktop para o mundo

•Quando você está numa janela do Finder no modo de lista, teclar ⌘↑ leva a

um diretório acima e ⌘↓ a um abaixo. A mesma lógica vale para o Desktop; mesmo sem uma janela do Finder aberta, esses atalhos funcionam. ⌘↑ faz abrir uma janela com o seu diretório Home e ⌘↓ abre uma janela com o próprio Desktop.

•O atalho "oficial" para abrir a pasta Home é ⌘Option H.

7

Login como *root* pelo Aqua

•Se você tem vários usuários na sua máquina e precisa "logar" como *root* no startup, vai perceber que o *root* é omitido por *default* naquela linda janela com os ícones de todo mundo.

Para poder entrar como *root*, abra o módulo Login do System Preferences, selecione a aba Login Window e escolha "Show 'Other User' in list for network users". O resultado é que a janela de *login* vem com um botão a mais, chamado "Other" (1); clicando-se nesse botão, surgem os campos para digitar nome e senha no braço (2).

•Outro método: mude a opção "Display Login Window as" ("Mostre a Janela de Login como") para "Name and password entry fields" ("Campos para digitar nome e senha"). Com isso, a tela de botões é substituída por outra tela com campos de digitação (3) e todo mundo passa a ter sempre que digitar o próprio nome em vez de curtir a moleza de clicar num botãozinho decorado.

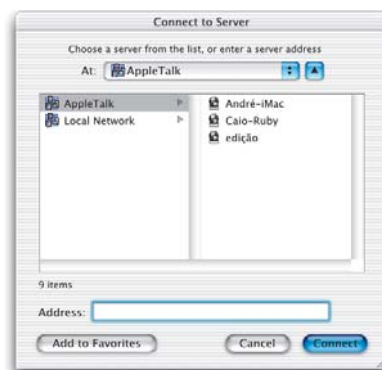
8

Seja outro usuário

Se o seu Mac OS X está se comportando de maneira muito estranha, antes de partir para os "finalmentes" (reformatar o disco, reinstalar o sistema etc.) vá ao System Preferences, módulo Users, crie um novo usuário e cheque se por ele os problemas continuam. Às vezes, a encrenca pode estar nas preferências e permissões das pastas do usuário, e não no sistema em si.

9

Cadê o Chooser?

•No Mac OS X ele não existe mais. Para selecionar ou configurar uma impressora, vá pelo utilitário Print Center (Centro de Impressão), que fica em /Applications/Utilities, ou pela própria caixa de diálogo de Print do programa. O OS X não põe ícones de impressoras no desktop. Programas no ambiente Classic continuam imprimindo do mesmo jeito de antes, pela impressora selecionada no Chooser do Mac OS 9.

•Para acessar outros computadores pela rede, vá ao menu Go ▸ Connect to Server (⌘K) no Finder e daí em diante o processo de conexão é o mesmo do Chooser, apenas mais bonito.

10

O iconezinho tem utilidade

•Nos programas TextEdit, Grab ou Preview, se você arrastar para fora o mini-ícone que fica ao lado do nome do arquivo aberto na barra de título, criará um atalho onde o soltar.

•Clicando-se no título com ⌘, aparece um menu listando o *path* (endereço) do arquivo; soltando o botão do mouse sobre um dos nomes de pastas, ela se abre no Finder.

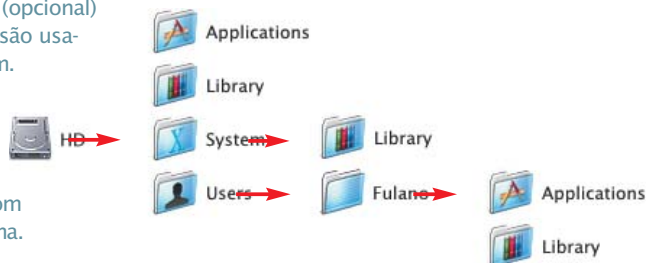
•Essas dicas funcionam nos programas criados no ambiente Cocoa, no Finder e até em alguns aplicativos que só rodam no Classic.

11

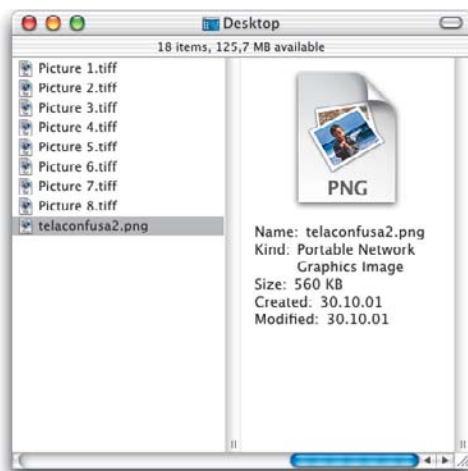
Instale para todos

•Não se confunda com a aparente redundância de pastas e arquivos no Mac OS X. Se a sua máquina foi configurada para ter vários usuários, quando for instalar um aplicativo, faça-o como administrador, para sempre colocar os softwares nas pastas /Applications e /Library. Nessas pastas, o software fica disponível para qualquer usuário. Cada usuário tem suas próprias pastas ~/Applications (opcional) e ~/Library, para os itens que são usados só por ele e mais ninguém.

•O "administrador" é o mesmo usuário que você criou quando instalou o OS X. Não o confunda com o *root*, que é o super-usuário com plenos poderes sobre o sistema.

12

Cadê o preview?

•Muitos arquivos (capturas da tela, algumas imagens baixadas da Internet etc.) não mostram preview no Finder. Curiosamente, o preview aparece no Show Info (⌘I) para o arquivo. Então, o negócio é usar o Show Info para pré-visualizar as imagens teimosas.

•Para que as imagens salvas pelo Photoshop 6 tenham previews melhores no Mac OS X 10.1, vá às preferências do programa (⌘K) e, na seção Saving Files (⌘2), deixe o seguinte ajuste: Image Previews – Always Save – "Icon" ativo, "Full Size" e os dois "Thumbnails" inativos. Com isso, o comportamento dos arquivos é o seguinte: preview grande no Finder para PSDs até um certo tamanho (em torno de 2,5 MB); a partir daí, só mesmo o ícone antigo pixelado – mas um preview de alta qualidade sempre pode ser visto no Show Info.

Grande Listão Supremo dos Comandos do Mac OS X

Para xerocar, recortar e colar no seu monitor

Atalhos gerais

⌘Shift3 – Tira foto da tela (o arquivo é salvo como TIFF, no seu desktop)
⌘Shift4 – Tira foto de seleção da tela (idem)
F12 – Ejeta disco (para teclados sem a tecla [Eject])
⌘-clicar – Move item (pasta ou arquivo) de um disco para outro; copia e em seguida apaga o original
⌘C e ⌘V – Copia e cola arquivos e pastas
⌘OptionA – Abre a pasta Applications
⌘OptionH – Abre a pasta Home
⌘ShiftDelete – Esvazia o Lixo
⌘OptionC – Abre a janela Computer
⌘OptionI – Abre o iDisk
Arrastar botão do pé de coluna do Finder *(acima)* – Redimensiona todas as colunas juntas
Option-arrastar botão do pé de coluna – Redimensiona apenas a coluna do botão arrastado
↑←↓→ – Navega pelos discos no modo de colunas
⌘V no startup - Mostra as mensagens de boot no modo Verbose, com todos os comandos de Unix desfilando na tela
⌘S no startup – Carrega o sistema no modo *single user*, direto no console Unix
Option-clicar no botão verde de maximizar – Abre a janela em tela cheia na altura. A largura depende do programa. Não funciona no Finder

No Dock

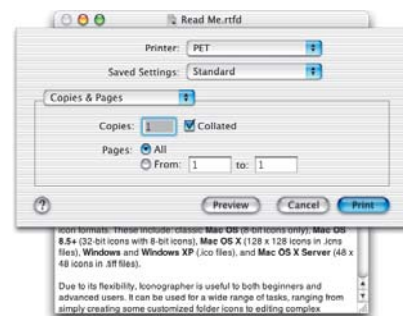
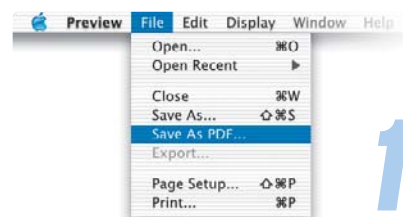
⌘Tab – Pula para o próximo programa ativo, pela ordem do Dock, da esquerda para a direita
⌘ShiftTab – Pula para o próximo programa ativo, na ordem inversa
⌘B – Esconde Toolbar (Barra de Ferramentas)
Option-clicar no ícone de um programa no Dock – Muda para esse programa e oculta aquele em que você estava antes
Option-clicar e segurar no ícone de um programa no Dock – O comando Quit do menu do Dock muda para Force Quit
Option-arrastar arquivo para o Dock – Força o arquivo a ser aberto por um programa que não está associado a ele
Control-clicar no topo da linha divisória do Dock – Menu contextual do Dock
Option-arrastar a linha divisória do Dock na vertical – Redimensiona o Dock para tamanhos específicos de ícones (16x16, 32x32, 48x48 e 64x64 e 128x128)
Shift-arrastar a linha divisória do Dock na horizontal – Move o Dock para as laterais da tela (pode ser necessário reduzir um pouco o tamanho do Dock antes de tentar esse truque)

13

Janelas empilhadas

No Mac OS X, as janelas do programa correntemente em uso não vêm necessariamente à frente das demais. Isso pode ser incômodo ao ir para o Finder ou outro programa com várias janelas e então ter que "desenterrar" uma delas pelo menu Window. Uma maneira mais fácil é ir ao ícone do programa no Dock e escolher a janela diretamente no menu contextual (clique e segure ou clique no ícone com Control pressionado). Esse método funciona com o Finder e com qualquer programa Cocoa ou Carbon, mas não com os aplicativos clássicos.

Crie PDFs sem Acrobat

Para criar um arquivo PDF (compatível com Mac OS clássico e PCs) a partir de qualquer programa nativo para o Mac OS X (processador de texto, editor de imagem etc.), vá ao menu File ▸ Print e na caixa de diálogo clique no botão Preview. O sistema vai mandar abrir a página no programa Preview (Pré-Visualização).

Neste, vá para File ▸ Save As (⌘ShiftS) e clique em Save As PDF. Pronto!

14

Copiando seus bookmarks

Para copiar os favoritos e o histórico do Explorer do Mac OS 9 para a versão do X, basta mover a pasta /System Folder/Preferences/Explorer para a pasta /Users/[você]/Library/Preferences.

15

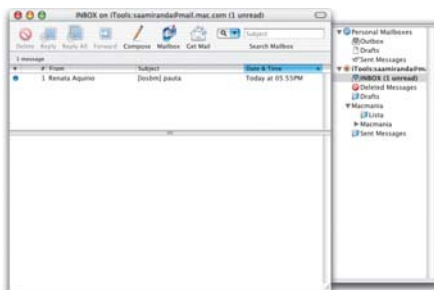
Placas de rede velhas

Você tem uma daquelas velhas placas de Ethernet com chips da Realtek e achou que tinha perdido definitivamente seu uso no Mac OS X? Engano. A Realtek lançou drivers que funcionam com qualquer placa baratinha que utilize o chip rtl8139c. Para saber se sua placa possui o chip correto, veja os drivers para Linux para o modelo de sua placa. Os drivers podem ser encontrados no site www.versiontracker.com.

16

17 Pastas e subpastas no Mail

•A partir do OS X 10.1, é possível criar pastas dentro de pastas no Mail. Para isso, digite nomedapasta/nomedasubpasta na janela do comando Mailbox ▶ New Mailbox. (Se você errar o local, vai acabar criando duas pastas de uma vez, porém.)
•Outro jeito é criar as pastas e arrastá-las para baixo umas das outras. As listas e sublistas sempre são automaticamente arranjadas em ordem alfabética.

•Mais um truque com pastas: não importa para qual lado você arrastar uma mensagem (esquerdo ou direito), a gaveta com as pastas sempre abre automaticamente na direção escolhida. Assim, para inverter o lado da gaveta é só arrastar a mensagem na direção oposta.

18 Um desktop unificado

Para ter uma única pasta Desktop no Mac OS 9 e no OS X, abra o Terminal e dê su (ou "logue" como root e então abra o Terminal) e dê os seguintes comandos:
rm -R Desktop – Apaga o Desktop Folder do usuário ativo (/Users/[você]/Desktop)
ln -s '/Desktop Folder' /Users/[você]/Desktop (cria um *link* (alias de Unix) do Desktop Folder do Mac OS 9 no lugar do Desktop do Mac OS X)
Se você fizer isso para outros usuários, eles compartilharão o mesmo Desktop. O truque também pode ser usado para compartilhar a pasta Public ou outras. Obviamente, não o faça com as pastas Library, Documents e Applications (se houver; vide dica 11) dos usuários.

19 Sim, ainda pode travar

•As bombas bravas (aquelas que travam tudo e tiram a gente do sério) no Mac OS X têm o sugestivo nome de *kernel panic*. Uma coisa dessas só acontece quando pifa alguma coisa diretamente administrada pelo *kernel*, o "coração" do sistema – usualmente, paus de hardware, mas um ou outro software também pode causar o pau. Calma: esse tipo de erro é extremamente raro. O resultado é meio assustador: você vai ver uma porção de mensagens incompreensíveis em texto branco sobre preto, emporcalhando sua linda interface Aqua. Aí, a única coisa a fazer é apertar o botão de restart.
Para evitar esse problema, esteja sempre com o sistema atualizado e verifique se o programa suspeito de ter causado a bomba (no caso de haver um) já tem um update. Um bom site para procurar atualizações é o VersionTracker (www.versiontracker.com).
•Outras vezes, a interface trava; o mouse ainda funciona, mas tudo parece congelado. É a memória virtual da sua máquina que "entupiu" momentaneamente. Espere até o sistema voltar a responder (coisa de 15 segundos ou menos) e a seguir dê Quit nos programas abertos que não estão fazendo nada. E prepare a verba para comprar mais RAM (aproveite, está barata!) se essa ocorrência for comum.

20 Sistema poliglota

Para usar outro idioma além do português ou inglês no Mac OS X – tem até chinês e japonês disponíveis sem a necessidade de nenhuma instalação adicional –, abra o System Preferences (Preferências do Sistema), módulo Internacional, e arraste o nome da língua desejada para o topo da lista.
Dê Logout e Login de volta e pronto. Os programas que tiverem suporte ao idioma listado no topo mudarão; os que não tiverem ficarão na primeira opção disponível abaixo dele.

21 Atalhos visuais para sites

No Internet Explorer 5.1, além de poder arrastar a URL da página para a barra de ferramentas para criar um atalho, você tambem pode arrastar uma imagem qualquer (o logo de um site, por exemplo) para servir de link. Para tirar o atalho de lá, Control-clique nele e peça Delete no menu contextual.

22 Médico sem licença

Não use nenhum utilitário de disco "clássico" como o Norton Disk Doctor ou o Hard Disk Tools, a não ser que esteja especificado que a versão é compatível com o Mac OS X. As versões antigas podem acidentalmente apagar dados importantes. Depois não diga que não avisamos!

DVD como papel de parede

É uma função inútil, mas divertida. Dá para usar seu DVD como imagem de fundo. Primeiro, abra o tocador de DVD e tire uma foto da tela em preto com o Snapz Pro – o único programa no Mac que consegue fotografar DVDs rodando. A tela vai ficar toda preta. Arraste a tela salva para o *well* do módulo Desktop do System Preferences. Depois, toque um DVD e esconda a janela (Control V). Se quiser, selecione Video ▸ Maximize Screen e depois esconda a janela (mas não pode selecionar Full Screen – tela cheia). Pronto: filminho passando por trás dos ícones.

24

Hack dos ícones da barra

Cansado daqueles ícones em preto e branco na sua barra de menus (AirPort, monitores, som etc.)? Para dar um pouco mais de cor à barra, abra e edite os próprios ícones. Aqui vai um exemplo: o ícone do AirPort fica em /System/Library/CoreServices/Menu Extras/AirPort.menu/Contents/Resources/ (é preciso usar o menu contextual no arquivo Airport.menu e escolher Show Package Contents para abrir o pacote e encontrar a pasta Resources).

Utilizando o Photoshop ou outro programa de edição de imagens, mude os ícones (sem alterar sua dimensão em pixels) e salve-os como PSD (para que eles continuem com o recorte de transparência). Depois, abra os ícones no Preview e converta-os para TIFF – é preciso fazer isso "logado" como *root*. Coloque os arquivos mudados de volta às pastas. Dê *logout* e *login* e e veja o resultado.

Emails embaralhados

No programa Mail, volta e meia você recebe mensagens com os acentos embaralhados, como neste exemplo:

Boato de vÌrus È um protesto contra a pirataria
Mensagem diz que arquivos de MP3 contÍm vÌru

O ˙ltimo boato de vÌrus que circula na Internet r
enganar pessoas que n„o entendem do assunto,
contra a pirataria de m˙sica na Web.

A mensagem diz que cerca de 500 arquivos de r
baixados nos ˙ltimos 8 meses por usu·rios de p
compartilhamento, como Napster e Gnutella, co
chamado MusicPanel, que causar· danos aos mi

Para consertá-los, vá ao menu Format ▸ Text Encodings e escolha Western (ISO Latin 1).

25

Boato de vírus é um protesto contra a pirataria
Mensagem diz que arquivos de MP3 contêm víru

O último boato de vírus que circula na Internet r
enganar pessoas que não entendem do assunto
contra a pirataria de música na Web.

A mensagem diz que cerca de 500 arquivos de r
baixados nos últimos 8 meses por usuários de p
compartilhamento, como Napster e Gnutella, co
chamado MusicPanel, que causará danos aos mi

Início automático

Se você era daqueles que adoravam ver os Stickies (ou qualquer outro programa) abrir sozinho toda vez que o seu Mac ligava, vá ao System Preferences e selecione Login. Na aba Login Items, use o botão Add (Adicionar) para incluir os programas que você quer abrir automaticamente quando o Mac ligar. É possível também escolher documentos, pastas e outras coisas. Se você clicar na caixa de opção ao lado do nome, o programa irá abrir em segundo plano *(background)*.
O único senão do Login Items é que o Mac pode ficar extremamente lerdo quando está abrindo uma porção de programas ao mesmo tempo, mas ele volta ao normal assim que acaba o processo.

26

Rede com PC via SMB

Os dias de isolamento entre Macs e PCs acabaram! No OS X 10.1 você pode acessar os discos de computadores Wintel pela rede local usando o protocolo SMB (que é o padrão no Windows). Só tem um senão: os servidores SMB não aparecem listados na janela de Go ▸ Connect to Server do Finder.

27

Você tem que digitar no campo Address o endereço completo: smb://servidor/pasta_compartilhada/
Se tudo correr bem, você verá uma tela para preencher com o nome do seu *workgroup* do Windows, nome de usuário e senha. Aí é só clicar no disco pecezista e correr pro abraço. Só não compartilhe duas pastas simultaneamente, pois isso pode dar *kernel panic*.

Force Quit direto no Dock

É possível dar um Force Quit diretamente pelo Dock, em qualquer programa (menos o Finder) que estiver aberto.
Clique e segure (ou Control-clique) no ícone do programa no Dock. No menu pop-up com a opção Quit, segure o Option e o Quit vai se transformar em Force Quit.

28

Mesmo mail no 9 e no X

Um dos poucos programas que permite ter uma mailbox unificada, tanto no Mac OS 9 quanto no OS X, é o Eudora. Você pode fazer com que as versões do programa para o 9 e para o OS X compartilhem o mesmo Eudora Folder. Para isso, basta colocar um alias do Eudora Folder do Mac OS 9 dentro da pasta /Users/Documents.

30

Um atalho sonoro

Nas máquinas que têm o teclado Pro (aquele com teclas de volume) ou nos portáteis recentes, se você quiser abrir o System Preferences (Preferências do Sistema) e aumentar ou abaixar o volume ao mesmo tempo, basta pressionar uma tecla de de volume com a tecla Option apertada. O sistema abre as preferências e também executa a função de modificar o volume.

31

O Disk First Aid do Unix

O Disk Utility do Mac OS X (que fica em /Applications/Utilities) absorveu as qualidades do antigo Disk First Aid e outras mais, mas uma delas ficou de fora: a capacidade de consertar o próprio HD (ou partição) de partida do OS X. Felizmente, o Unix por baixo do OS X contém sua própria ferramenta de disco. Se você acha que o HD está com pau, faça isto:

1 Restarte e segure as teclas ⌘S para entrar em *single user mode* (isto é, direto na linha de comando e sem carregar nada além do *kernel* – algo vagamente semelhante a iniciar o sistema clássico sem as extensões).

```
standard timeslicing quantum is 10000 us
vm_page_bootstrap: 61033 free pages
mig_table_max_displ = 64
COLOR video console at 0x96000000 (1280x960x32)
IOKit Component Version 1.1:
Sun Sep  9 15:30:21 PDT 2001; root(rcbuilder):RELEASE_PPC/iokit/RELEASE
_cppInit done
IODeviceTreeSupport done
Recording startup extensions.
Copyright (c) 1982, 1986, 1989, 1991, 1993
        The Regents of the University of California.  All rights reserved.

using 655 buffer headers and 327 cluster IO buffer headers
Local FireWire GUID = 0x3065ff:0xfea0e130
AppleFWOHCI:  10cd000        0 AppleFWOHCI::free
USB:   22.260: [0x1870D000] USB Generic Hub @ 1 (0x8)
USB:   22.260: [0x1870D600] USB Generic Hub @ 1 (0x9)
USB:   22.494: [0x1870B000] USB Generic Hub @ 2 (0x9110000)
ApplePMU::allocateInterfaces ourADBinterface is up and running
ApplePMU::allocateInterfaces ourPwrinterface is up and running
devfs enabled
dlil_init
dlil_input_thread 1013dc0
IOKitBSDInit
From path: "/pci@f2000000/pci-bridge@d/mac-io@7/ata-4@1f000/@1:0,\mach_kernel", Waiting on <dict ID="0"><key>IOPathMatch</key><string ID="1">IODeviceTree:/pci@
2000000/pci-bridge@d/mac-io@7/ata-4@1f000/@1:0</string></dict>
Got boot device = IOService:/Core99PE/pci@f2000000/AppleMacRiscPCI/pci-bridge@D/IOPCI2PCIBridge/mac-io@7/KeyLargo/ata-4@1f000/KeyLargoATA/ATADeviceNub@1/IOATABl
ockStorageDriver/IOATABlockStorageDevice/IOBlockStorageDriver/QUANTUM FIREBALLlct20 30 Media/IOApplePartitionScheme/untitled 2@8
BSD root: disk1s8, major 14, minor 5
devfs on /dev
Wed Nov  7 21:23:54 EDT 2001
Singleuser boot -- fsck not done
Root device is mounted read-only
If you want to make modifications to files,
run '/sbin/fsck -y' first and then '/sbin/mount -uw /'
\s\v \u@\h \w %
```

29

2 Quando surgir o *prompt* (é esse `\s\v \u@\h \w %` no fim das mensagens), digite: `fsck -y` (a opção -y serve para responder "sim" automaticamente a todas as perguntas feitas pelo programa).

```
\s\v \u@\h \w % fsck -y
** /dev/rdisk1s8
** Root file system
** Checking HFS Plus volume.
** Checking Extents Overflow file.
** Checking Catalog file.
** Checking multi-linked files.
** Checking Catalog hierarchy.
** Checking volume bitmap.
** Checking volume information.
** The volume Duke appears to be OK.
\s\v \u@\h \w %
```

3 Depois de alguns minutos, o disco estará verificado e consertado. Para voltar ao uso normal, digite `reboot` e pronto.

A dica só funciona nos modelos de Macs mais modernos (os sem ADB e SCSI embutidos). Se não rolar, use o velho método de rodar o Disk First Aid pelo Mac OS 9.

Painel de erros

32

Se algo parece estar muito errado com um programa no X ("quita" inexplicavelmente ou se recusa a instalar), você pode usar o programa Console (que fica na pasta Utilities, em Applications) para tentar descobrir o que é que está pegando. O Console é o lugar onde o sistema grava todas as mensagens de erro que normalmente não são comunicadas ao usuário. Abra o Console e repita os passos que levaram ao problema. O aplicativo pode (ou não) gerar no Console uma descrição exata do que está ocorrendo. Tá, não vai resolver, mas pelo menos ajuda a descobrir a razão do problema.

console.log

Nov 7 19:23:42 localhost lookupd[218]: DNSAgent: dns_fqdn_query_server - query failed for 200.246.5.2

Nov 7 19:23:47 localhost lookupd[218]: DNSAgent: dns_send_query_server - timeout for 200.200.2.2

Nov 7 19:23:57 localhost last message repeated 2 times

Nov 7 19:23:57 localhost lookupd[218]: DNSAgent: dns_fqdn_query_server - query failed for 200.200.2.2

Nov 7 19:24:02 localhost lookupd[218]: DNSAgent: dns_send_query_server - timeout for 200.246.5.2

Nov 7 19:24:12 localhost last message repeated 2 times

Nov 7 19:24:12 localhost lookupd[218]: DNSAgent: dns_fqdn_query_server - query failed for 200.246.5.2

33

Recuperando a senha

Se você é daqueles que um belo dia esquecem a senha de *login* e ficam sem poder entrar no próprio computador, um modo de resolver esse problema é usando o comando Reset Password. Inicialize pelo CD do Mac OS X e procure o comando no menu do Installer. Depois, selecione sua conta e crie uma nova senha.

34

Vire um super-usuário

O usuário *root* (também conhecido como *super-usuário)* é o único que tem poder absoluto para fazer o que quiser no computador. Normalmente, trabalhar como *root* é desnecessário, porque o dono do computador tem o status de *administrador*, que não é tão poderoso como o *root* mas pode instalar programas e updates, mudar as preferências do sistema e fazer outras tarefas. Os outros usuários não possuem esse privilégio por *default*. Mas, presumindo que você conhece algo de Unix e que pretende mexer com programação (tá bom, ou simplesmente hackear a máquina), pode querer habilitar a senha do *root*. É o seguinte:

1 Abra o NetInfo Manager (/Applications/Utilities/NetInfo Manager).

2 Vá ao menu Domain ▸ Security ▸ Authenticate e dê sua senha normal.

3 Vá lá uma segunda vez e selecione Enable Root User. O programa pedirá a senha duas vezes e pronto.

Não faça o seu trabalho do dia-a-dia como root, pois além de correr o risco de escangalhar o sistema por acidente, não poderá abrir como usuário comum os arquivos que criar como *root*.

Na maioria das situações, você usará a identidade de *root* só na linha de comando. Existem dois comandos para isso:

•su muda temporariamente a sua identidade para a de outro usuário. Se você não digitar nenhum nome de usuário após o su, o sistema assume que você quer virar o *root*. Digite a senha de *root;* o *prompt* mudará de acordo. Quando terminar de fazer o que precisa, digite exit para coltar à sua identidade normal.

•sudo seguido de um comando qualquer executa esse comando sob a identidade de *root*.

O sistema dá uma mensagem avisando da possível besteira que você irá fazer, pede a senha e segue em frente.

35

Mude de OS sem esforço

Um exemplo de AppleScript para trocar o disco de partida do Mac OS 9 para o Mac OS X:

```
tell application "Startup Disk"
  activate
  set startup system folder alias to alias
"[discoOSX]:System:Library:CoreServices:BootX"
  quit
end tell
tell application "Finder"
  restart
end tell
```

A variável [discoOSX] deve ser trocada pelo nome do disco onde está o instalado o seu Mac OS X.

36

Toque DVD na TV

Muita gente reclamou da impossibilidade de tocar DVDs diretamente para a TV no Mac OS X rodando em portáteis. Mas existe um truque para burlar esse problema, enquanto a Apple não oferece uma solução definitiva:

1 Conecte o PowerBook à TV.

2 Restarte o computador e feche a tampa.

3 Veja o Mac OS X aparecer na TV. A tela do PowerBook deverá estar desligada.

4 Depois que o Mac iniciar, abra novamente a tampa e abra o DVD Player.

5 Quando a sessão de cinema acabar, coloque o PowerBook para dormir, desconecte a TV e acorde o portátil.

37

Atalhos no Dock

•Colocar um item novo no Dock é muito fácil. Apenas arraste o ícone até o Dock.

•Para removê-lo, o processo é inverso; é só arrastar para fora do Dock (e ficar encantado com o efeito "fumacinha").

•Para manter um ícone de programa no Dock depois de fechado, clique e segure (ou Control-clique) o ícone e escolha "Keep in Dock".

•O mesmo menu serve para localizar o item no disco e dar Quit em programas sem ser preciso ir a eles.

•Também dá para colocar e tirar atalhos na barra de ferramentas das janelas do Finder pelo método de arrastar e soltar.

38

Classic, nunca mais

•Esta é para os radicais que não querem carregar nunca mais o ambiente Classic. Mova o arquivo /System/Library/CoreServices/Classic Startup.app para um outro local. Via Terminal, o comando é mv '/System/Library/CoreServices/Classic Startup.app' '/[onde você quiser]/Classic Startup.app' (Tem um espaço entre o primeiro endereço e o segundo.)

•Outra maneira simples de "quebrar" o Classic e impedir que ele inicie é sumir com os arquivos /System Folder/Classic Support e /System Folder/Classic Support UI. Ao abrir-se o Classic, ele irá perguntar se você quer "instalar arquivos que faltam". Responda "não" e siga em frente, livre do passado. (Obs.: estas dicas *não* têm volta.)

40

OS X, ainda não

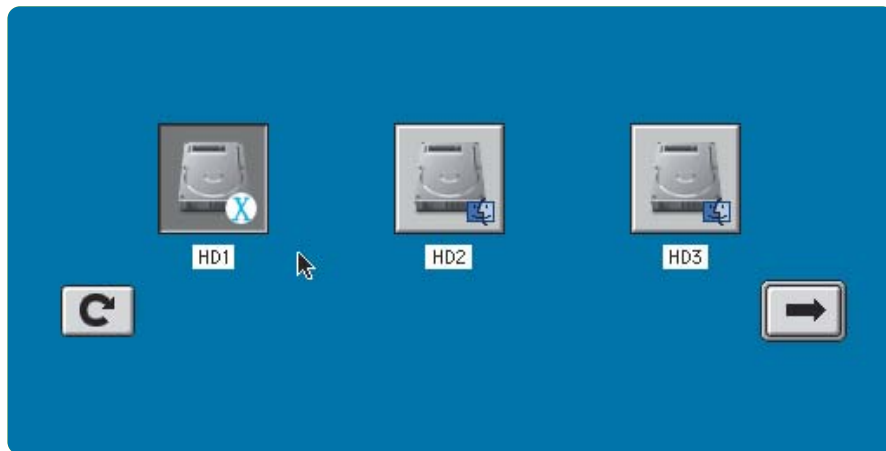
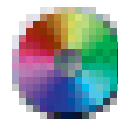
Esta é para os que compraram Macs com o OS X pré-instalado e não pretendem usá-lo, deixando apenas o sistema clássico. Dê boot pelo Mac OS 9 e delete os seguintes itens: Applications, Desktop, Library, mach, mach.sym, System, Temporary Items (caso apareça) e Users (não tem nada seu lá dentro, certo?). A seguir, abra o **ResEdit** (download em http://download.info.apple.com/Apple_Support_Area/Apple_Software_Updates/English-North_American/Macintosh/Utilities/ResEdit_2.1.3.sea.bin) e use o comando File ▸ Get File/Folder Info para localizar e desligar a opção de "invisível" de cada um dos seguintes itens: tudo o que começa com ponto (.), automount, bin, cores, dev, etc, mach_kernel, private, sbin, tmp, usr e var. Por fim, delete-os. Ufa! Seria mais fácil reformatar o HD e instalar só o OS 9.

42

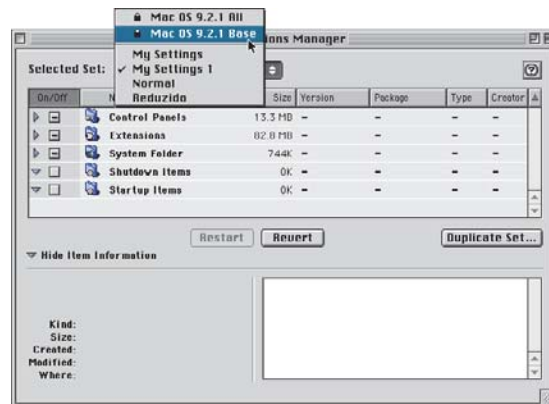
Tecle em português

Você usa o teclado americano e ainda tem que digitar Option e + e para escrever "é"? Saia dessa vida baixando o layout de teclado **US-International**, criado por Rainer Brockerhoff e disponível na seção Giftware do site da Macmania (www.macmania.com.br).

Trocando de sistema

Se você instalou o Mac OS X numa partição diferente da que contém o OS 9, já sabe que basta segurar Option no *startup* para mudar de sistema. Só que, nos computadores que apresentam o botões de opções de sistema de partida *(abaixo)*, o reloginho fica girando uma eternidade até permitir escolher entre os discos. Experimente segurar o botão do mouse para acelerar o processo. O único inconveniente é que, se houver algum CD ou outro disco removível, ele será ejetado.

41

Menos extensões

Você pode evitar problemas com o Classic e aliviar o sistema criando um *set* (conjunto) de extensões reduzido, desativando as extensões redundantes ou sem função. Para isso, vá ao velho painel de controle Extensions Manager (pelo menu da maçã do OS 9, acessível a partir de qualquer aplicativo rodando no Classic) e escolha Mac OS Base (Mac OS Básico). A partir daí, veja o que é que você não usa mais e desligue também. Se preferir, pode usar o Location Manager ou o Conflict Catcher (da Casady & Greene). Recomenda-se criar um set superleve para o modo Classic e outro mais completo para quando der partida no Mac pelo OS 9. Os velhos atalhos de startup do Mac OS clássico (segurar a barra de espaço para abrir o Extensions Manager, por exemplo) funcionam no Classic.

Funções na barra de menu

•Algumas funções úteis podem ser adicionadas à barra de menu do Mac OS X. Quando estiver no System Preferences, veja se a função tem uma opção Show in Menu Bar.

•Os itens que podem ficar na barra de menu são: indicador de sinal do AirPort, indicador de bateria dos portáteis, relógio, controle de resolução do monitor, transmissor infravermelho (IrDA), conexão PPP, PPPoE e volume do som.

•Para retirar, basta arrastar qualquer ícone desses para fora do menu com a tecla ⌘ apertada, que ele some.

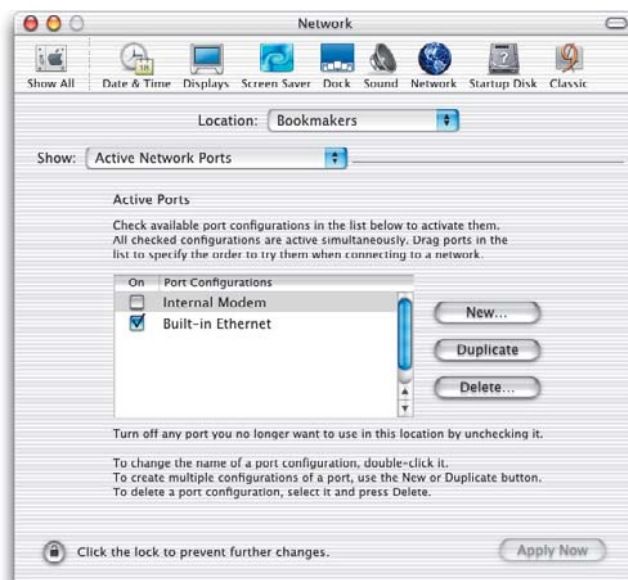
•Dá para mudar a ordem de um ícone em relação aos outros. Com a tecla ⌘ apertada, pegue-o e arraste-o até a posição desejada.

(101%) Wed 2:02:05

Scripts no menu

Se você é chegado em automatizar tarefas, baixe já o **AppleScript Menu** (www.apple.com/applescript/macosx/script_menu/). Ele coloca um ícone para rodar scripts diretamente na barra de menu. Depois de baixar o pacote, basta arrastar o ícone para a barra de menus e está pronto! Ele de cara irá mostrar os scripts pré-instalados no sistema, que já dão uma idéia do poder injusta e frequentemente ignorado do AppleScript.

Quantas conexões tenho?

Se você se conecta à Internet apenas pelo modem ou apenas pela rede (Ethernet), para evitar que o Mac OS X fique pegando a conexão errada de bobeira, vá ao System Preferences, módulo Network (Rede), e no menu pop-up Show (Mostrar) escolha a opção Active Network Ports (Portas de Rede Ativas). Desative as portas que você não vai usar; em seguida, use o mesmo menu pop-up para retornar à janela normal de configuração.

45

Destrancando o arquivo

Se um arquivo se recusa a ser deletado no Mac OS X, pode ser que ele esteja trancado (locked). É fácil resolver isso: é só desativar a opção Locked na janela Show Info. Isso só pode não funcionar se o arquivo foi trancado pelo Mac OS 9. Neste caso, há quatro saídas:

•Abrir o Terminal e dar um `rm` no safado, recorrendo a um `su root` em caso de resistência. (Se você não entendeu nada, escolha uma das opções seguintes.)

•Usar um freeware chamado **DropNuke** (www.divnull.com/products.html), que destranca e deleta qualquer arquivo ou diretório.

•Voltar ao OS 9, destrancar e apagar o arquivo lá mesmo.

•Utilizar o shareware **XRay** (www.brockerhoff.net), escrito pelo conselheiro editorial da Macmania Rainer Brockerhoff. Ele, antecipadamente, agradece.

46

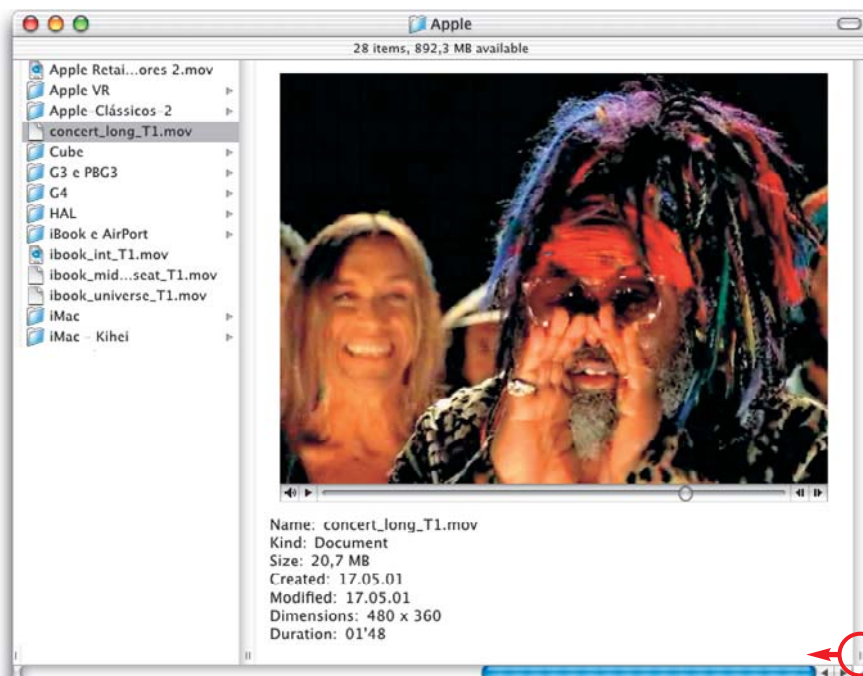
Discos favoritos

O Recent Servers do OS X lembra as máquinas acessadas na rede, mas não os HDs dentro delas. É preciso passar por três janelas sucessivas (Connect, nome e senha e seleção dos volumes na máquina remota). Para facilitar, abra a pasta Favorites (atalho: ⌘Option F no Finder) e ponha lá os aliases (atalhos) dos HDs remotos acessados. Assim, com dois cliques você já acessa todo mundo.

Colunas ajustáveis

•No Mac OS X 10.1 é possível aumentar ou diminuir a largura de uma coluna na janela do Finder. Arraste o botãozinho que fica na base de cada coluna para ajustar todas ao mesmo tempo. Para arrumar uma coluna só por vez, arraste o botão respectivo com a tecla Option apertada.

•Um benefício de alargar colunas é que os movies QuickTime e algumas imagens podem ser vistos em tamanhos bem maiores do que o de um ícone.

48

Capture diferente

É possível editar à mão as preferências do sistema para alterar o tipo *default* de imagem criado quando se tira uma captura da tela com ⌘Shift3. Abra o Terminal e digite:

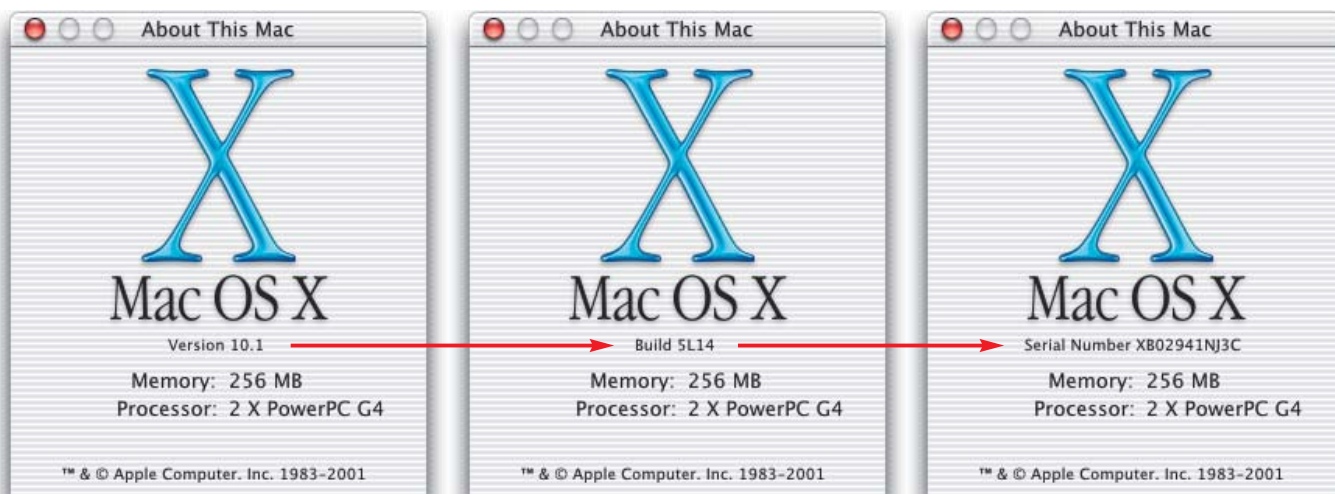
```
defaults write NSGlobalDomain AppleScreenShotFormat [formato]
```

[formato] pode ser JPEG, PNG ou PICT (TIFF é o padrão). Não esqueça de dar *logout* e *login* para as mudanças terem efeito.

Descubra a sua versão

- Se você for à janela About this Mac (a primeira coisa no menu da maçã) e clicar bem aonde está o número da versão ("Version 10.1"), ele muda para o *build* da versão instalada.
- Dando outro clique em seguida, ele mostra o número de série da sua máquina.
- Esse é um meio rápido de saber se o seu Mac está com a última atualização do sistema. O Mac OS X 10.1 original é o *build* G64. Após o update de segurança lançado pela Apple em 19 de novembro, ele virou 5L21.

Tektronix Phaser 850DP

Versatilidade ao vivo e em cores

Por muitos anos, o mundo foi preto e branco na maioria das empresas. Impressão colorida para todos? Nem pensar. Impressoras jato de tinta são inviáveis no ambiente corporativo, e as laser coloridas podem ter um custo operacional muito alto e nem sempre apresentam uma qualidade de impressão consistente. A alternativa é a tecnologia de tinta sólida, que oferece alta qualidade, rapidez de impressão e custo agregado acessível. Um belo exemplo do que estamos falando é a Phaser 850DP, da Tektronix, produto direcionado a empresas e grupos de trabalho que necessitem de uma impressora colorida pau pra toda obra.

Você precisa de velocidade? *No problemo.* Contando com um processador RISC de 200 MHz e 64 MB de RAM, a Phaser 850DP pode imprimir até 14 páginas por minuto (ppm), no modo Fast Color, que dá prioridade à performance em detrimento da qualidade. Mesmo assim, a impressão é suficiente para boa visualização de texto e gráficos no documento, sendo esse modo indicado quando a precisão das cores e a nitidez das imagens não são muito importantes, ou para se ter uma idéia rápida de como o trabalho está ficando.

De qualquer modo, existem mais três modos de impressão com progressiva melhora na qualidade e, consequentemente, performance mais lenta e maior consumo de suprimentos:

- Standard (8 ppm), para uso geral.
- Enhanced (4 ppm), procura balancear qualidade e velocidade.
- High-Resolution (2 ppm), trabalha a 1200 x 1600 dpi (pontos por polegada) para garantir qualidade quase fotográfica.

É claro que a rapidez da impressão depende fundamentalmente da complexidade do arquivo, mas em nossos testes os resultados bateram, em média, com as informações do manual, o que é raro de acontecer.

Não contente com toda essa versatilidade, a Phaser 850DP ainda é duplex, ou seja, imprime em frente e verso, permitindo economia de papel. E foi com o coração enxaguado em alegria e júbilo que constatamos que a velocidade de impressão não cai muito quando o modo duplex é utilizado (no modo Fast Color a performance caiu para 12 ppm). Muito bom, ainda mais pensando que a impressora é capaz de aguentar um ciclo mensal de 65 mil páginas, o que justifica os seus 40 quilos de peso. E você ainda tem a opção de instalar até 256 MB de RAM e adicionar um HD de 5,7 GB.

XEROX TEKTRONIX PHASER 850DP

Preço: R$ 16.700
Xerox: 11-5631-4000
0800-991-234
www.xerox.com.br

Pró: Muito rápida; ótima qualidade de impressão; pigmento sólido à prova d'água; tela de LCD com menus em português

Contra: Preço salgado

Derretendo corações

As impressoras de tinta sólida, também chamadas de "transferência térmica", utilizam pigmentos na forma de tijolinhos de toner – na verdade, um tipo de cera – que são recarregados em uma gaveta especial com divisões para as quatro cores C, M, Y e K. Na hora da impressão, os tijolos são progressivamente derretidos para aplicação no papel por meio de um método de retícula de micropontos similar ao das impressoras jato de tinta. A cera é (claro) à prova d'água e tem uma certa espessura própria, o que dá um interessante relevo ao papel impresso. Tem apenas o inconveniente de ficar riscada com relativa facilidade.

O mecanismo de impressão é simples, durável e pouco sujeito a papéis encalacrados (quando isso acontece, a Phaser reimprime a página travada); e, pelo menos no caso do produto da Tektronix, os tijolinhos de toner podem ser adicionados com a máquina em funcionamento.

A qualidade de impressão impressiona bem (desculpem, esse trocadilho insiste em entrar de bicão nos textos; tomaremos providências), até mesmo em papel sulfite convencional. É claro que suportes mais caros só tornarão o trabalho mais nobre. No papel *glossy,* por exemplo, as cores ganham brilho e dá para sentir claramente o relevo das camadas de tinta.

Não podemos deixar de mencionar que, além de poder ser operada por qualquer babuíno lobotomizado, a Phaser 850DP vem com um painel LCD com um sistema de menus em português. No caso de algum problema, é só ler

A alimentação de toner é a mais fácil dentre todas as impressoras coloridas

na telinha o que está acontecendo. Para os administradores de sistema, o produto ainda permite o gerenciar e configurar a impressora remotamente através de um browser, graças ao software PhaserLink.

A impressora é feita para não ser desligada nunca. Enquanto fora de uso, ela permanece em modo "sleep" que mantém a tinta aquecida para a entrada em ação a qualquer momento.

Vale quanto pesa?

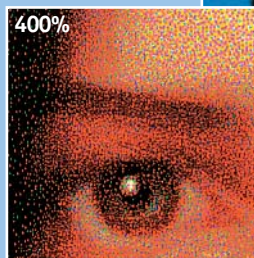
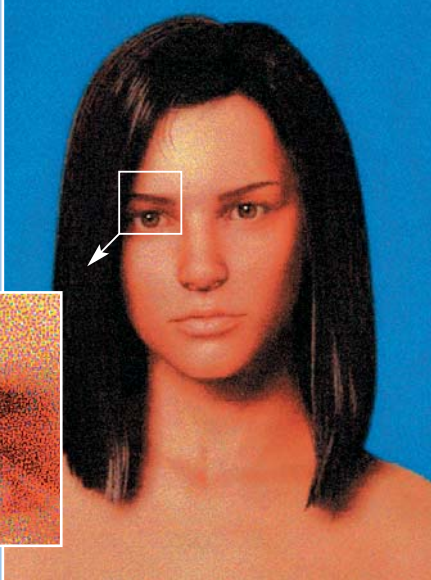
Nossa principal crítica vai para a bandeja de alimentação de papel, que suporta apenas um tamanho (no modelo enviado para nossos testes só dava para usar A4), de modo que para outros tamanhos de mídia é preciso usar a alimentação manual (uma folha por vez) ou comprar bandejas extras.

E, por fim, há a questão que sempre pega: o preço de R$ 16.700. É caro, mas também é preciso considerar o custo por cópia, que gira em torno de R$ 0,25 e R$ 0,30. Bem aprazível. Além disso, a Tektronix – ou melhor, a Xerox – garante o fornecimento gratuito e vitalício de toner preto na compra das outras cores. Pesando tudo isso, para as empresas que precisam imprimir muito material colorido de alta qualidade vale a pena investir na Phaser.

Substituindo o laboratório

Sei que essa não é para ser a aplicação típica da Phaser, mas não resisti a imprimir algumas fotos em formato 18x25 cm para colocar em porta-retratos, enquadrar e pôr na parede e outras aplicações fúteis. Uma coisa comum nas imagens é um certo amarelecimento ou esverdeamento, que pode ser corrigido com ColorSync ou (no caso de aplicações de alta precisão com o Photoshop) uma curva especial só para saída.

O resultado é visualmente o mesmo com imagens enviadas em RGB ou pré-convertidas para CMYK no computador. Devido aos micropontos de tinta, a imagem sempre sai granulada; a técnica para disfarçar a textura é acrescentar grão à foto e cuidar para que não haja tonalidades muito próximas do branco ou do preto, pois é nos extremos de luminosidade que os pontos ficam mais evidentes.

MARIO AV

SpyPen

Fotografia digital de bolso

Alguém aí se lembra da Tekinha, aquela máquina fotográfica lançada há mais de duas décadas, que era leve e minúscula? Tá certo que não dava para tirar fotos de grande qualidade, mas era simpática. Pois bem, a Tekinha do século 21 é a linha Spypen, fabricada pela alemã Plawa, e que é batizada assim porque lembra aquelas máquinas fotográficas de espionagem usadas em filmes do 007, na época em que Sean Connery era um canastrão.
Os modelos que testamos se diferenciam apenas pela aparência – a Cleo é meio quadrada e pode ser pendurada no pescoço, enquanto a Xion é compridona e traz uma presilha "tipo caneta" para pôr no bolso. Diminutas e todas prateadas, essas duas câmeras são quase tão leves quanto as duas pilhas palito necessárias para fazê-las funcionar.
Além de pequenas, são fáceis de operar. Três minutos (cinco, se você for pokaprátika) lendo o manual são suficientes para entender como usá-las. Não é para menos: só existem dois botões e um pequeno visor de cristal líquido de dois dígitos, além do ajuste que ajusta a lente para os modos macro ou paisagem.
As máquinas têm capacidade para 99 fotos em baixa resolução (320x240 pixels), ou 26 em "alta resolução" (640x480). A qualidade das imagens não impressiona muito, pois você não tem nenhum controle sobre foco e fotometria, que são completamente automáticos e, às vezes, indecisos.
Além disso, as cores tendem normalmente para o verde. Mas as câmeras quebram o galho se a intenção for ter algo sempre à mão para registrar o momento, sem intenções muito artísticas, ou para tirar fotos sem que as pessoas percebam.
A Cleo e a Xion também podem fazer filmes QuickTime com cerca de sete segundos. Na verdade, a "filmagem" é composta de 99 fotos sucessivas em baixa resolução que, juntas, formam uma cena muda e um pouco acelerada, que mais parece ter sido tirada de um filme da década de 20. Fica engraçado, mas não dá para fazer muito com isso.
Os modelos ainda oferecem um *timer* (temporizador) de dez segundos, se você quiser aparecer na foto junto com a "tchurma" – e, claro, se tiver onde apoiá-la, pois não existe opção de encaixar um suporte.
Descarregar as fotos para seu Mac também é bastante fácil, bastando instalar o programinha que vem no CD e conectar o cabo USB que acompanha os produtos. Antes que você pergunte: não, o Mac OS X não reconhece as SpyPen automaticamente. No entanto, o software rola sem problemas no ambiente Classic (ou o Mac OS 9). Ao fazer a conexão USB, você poderá escolher o nome que constará em todas as fotos (mais o número para diferenciar os arquivos) e o lugar onde serão guardadas. No final do processo, o aplicativo pergunta se você quer deletar as imagens que estão na câmera. A única coisa intrigante foi o fato de a Cleo e a Xion usarem cabos diferentes, apesar de serem tecnicamente idênticas. Mas isso não importa muito, já que as chances de alguém comprar as duas são mínimas.
A Xion e a Cleo certamente não são as melhores minicâmeras que você vai encontrar por aí. Por outro lado, o preço é razoável para aquilo a que elas se propõem. M

Tamanho natural

SPYPEN CLEO E XION

SpyPen: 71-379-4113
www.abs-tech.com
Preço: US$ 196 (Cleo) e US$ 163 (Xion)
Pró: Pequenas e leves; fáceis de usar
Contra: Qualidade das imagens é fraca; os filmes são pequenos e sem som

As Spypen são pequenas o suficiente para serem usadas sem ninguém perceber

A qualidade de imagem não é grande coisa, mas já é melhor que a das antigas minicâmeras de filme

SoundCanvas

Roland volta ao Mac pelo USB

A Roland e a sua SoundCanvas sempre foram boas companheiras dos músicos desktop. No entanto, a empresa ficou algum tempo afastada do mundo Mac e só recentemente voltou a pensar com carinho nos macmaníacos, lançando vários produtos com suporte à porta USB. A SoundCanvas SC-D70 chega aos braços do povo como um banco externo de timbres e interface de áudio digital, sendo uma opção para músicos diletantes que pensam em montar um pequeno estúdio em casa e não querem gastar muito. O equipamento é pequeno e bem versátil para algo que pesa apenas 1,7 quilo – incluindo sintetizador MIDI com mais de 1600 timbres e processador de áudio de 24 bits e 48 KHz. Como é tradicional na maioria dos produtos Roland, os sons sintetizados pela SC-D70 soam muito bem, de modo geral – os órgãos e sons orquestrais são ótimos; já os pianos poderiam ser melhores – e suprem as necessidades básicas de quem não tem outro módulo de timbres. Porém, para tirar melhor proveito da SoundCanvas, é fundamental ter um teclado para controlá-la via MIDI.
Aprender a lidar com a SC-D70 foi um pouco frustrante de início. A primeira coisa que tentei foi fazer funcionar a interface MIDI, sem me preocupar com o setor de áudio. Não obtive sucesso, apesar de normalmente isso ser um processo simples e de o produto já vir com um CD contendo o instalador do OMS (Opcode Music System), que faz a integração MIDI com o Mac. Assim, entrei em contato com o pessoal da Roland, que informou que a SC-D70 tem que ser iniciada no modo MIDI para funcionar sem a ajuda do Mac, algo não muito bem explicitado no manual (que, apesar disso, é bem organizado e tem versão em português). A partir daí a coisa ficou mais fácil, se bem que ainda demorei um pouco para integrar o equipamento da Roland ao meu ambiente OMS, que conta com uma interface MIDI Express, da MOTU.
Isso foi necessário porque não consegui fazer o Logic Audio funcionar com a SC-D70 sem o auxílio do OMS, que normalmente deixo desabilitado dentro do programa. Também é necessário instalar o driver ASIO para que o MIDI, assim como o áudio, role corretamente.
O painel da SC-D70 é bem sóbrio e fácil de entender. No entanto, muitos recursos só podem ser acessados através do programa GS Advanced Editor, incluído no CD, que permite selecionar variações de timbres e editar efeitos de *reverb, chorus, flanger* e *delay* (com diversas variações), além de equalização de duas bandas. Mas é bom saber que, quando você desliga o aparelho, todas as suas alterações serão descartadas. Mas calma: você pode salvá-las no Mac. Mesmo assim, isso é algo um pouco limitante, assim como o fato de as variações dos timbres poderem ser apenas acessadas externamente (via mensagens LSB e MSB).
A polifonia da SC-D70 é de 64 vozes simultâneas, o que pode ser inconveniente se ela for sua única fonte de timbres, já que a maioria dos *presets* utiliza duas vozes. O módulo tem duas portas de 16 canais *(parts),* o que garante um total de 32 – mais do que suficiente para as pessoas normais (usando modo MIDI em vez do USB é possível ter apenas 16).
A organização dos timbres segue o padrão General MIDI, de modo que você pode localizar e ouvir todas as variações de um som facilmente. Para selecionar os bancos e timbres a partir de seu editor de áudio/MIDI favorito, será preciso configurar as definições de instrumentos corretamente no programa (o mapeamento de som da SC-D70 possui timbres iguais aos da SC-8820, SC-88Pro, SC-88 e SC-55). Na minha modesta opinião, a Roland poderia facilitar a nossa vida já fornecendo no CD as informações ou arquivos necessários para configurar rapidamente os principais softwares do mercado (Cubase, Logic Audio, Pro Tools etc.), pois isso nem sempre é uma tarefa fácil e intuitiva.
O quesito áudio digital é bem sustentado pelas entradas e saídas S/PDIF e ópticas. O mundo análogo é contemplado com entradas de linha "banana" para instrumentos e microfones, além de uma entrada e duas saídas RCA estéreo. Assim, a SC-D70 pode funcionar como uma interface de áudio completa para seu programa favorito, desde que ofereça suporte à tecnologia ASIO, com a vantagem de gravar digitalmente os instrumentos MIDI para o computador, sem qualquer ruído ou interferência.
Por utilizar o modo USB, a capacidade de transmissão de dados da SC-D70 é bem limitada, embora a conversão análogo/digital de 24 bits seja de ótima qualidade. Se suas intenções nesse quesitos são modestas – ou seja, não pretende gravar muitos canais de áudio ou utilizar vários plug-ins –, é possível ter uma relação feliz com o equipamento. Agora, no caso de quem já tem uma boa placa de áudio, os recursos de áudio passam a ser dispensáveis.
Certamente, a SC-D70 é uma boa opção para músicos que chegam à era do estúdio digital pessoal com intenções mais modestas. Para esses, o produto da Roland pode matar dois coelhos com uma "caixa d'água" só, unindo um ótimo módulo de timbres sintetizados e um a interface de áudio digital a um preço razoável. Se seu computador for um iMac sem FireWire, esse modelo de SoundCanvas pode fazer ainda mais sentido.

ROLAND SOUNDCANVAS SC-D70

Preço: US$ 1.600
Roland do Brasil: 11-4615-5666
www.roland.com.br

Pró: Boa qualidade e grande variedade de timbres; conversão de áudio de 24 bits; compacto e leve

Contra: Interface USB limita os recursos de áudio; funcionamento intuitivo só em alguns quesitos; muito dependente de software externo

Por que não abre?

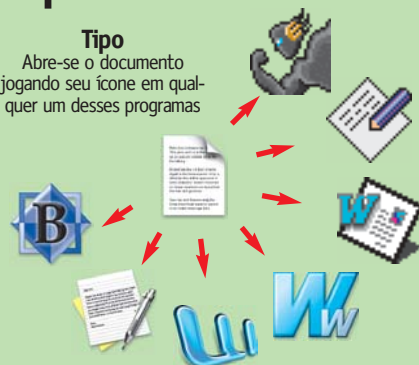
Confira as razões que podem levar um arquivo a empacar

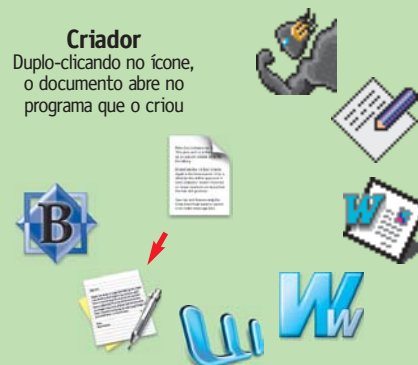
Depois de "Qual é o seu email?" e "Tem maquininha de preencher cheque?", a pergunta mais frequente da modernidade é: "Por que não consigo abrir esse arquivo?" Normalmente, tudo o que você precisa fazer é duplo-clicar o documento e correr para o abraço. Porém, há momentos em que esse método intuitivo não rola, principalmente se o item em questão tiver sido mandado por um usuário de Windows. Mas isso pode acontecer mesmo que ele tenha sido criado num programa de Mac. A solução para casos dessa natureza pode ser fácil, difícil ou impossível. Veremos a seguir as causas e soluções mais comuns para o problema.

Programa certo

Há uma probabilidade muito boa – digamos, de 100% – de o documento não abrir se não houver em seu Mac algum programa compatível. Por exemplo, se você recebeu um arquivo .psd e não tiver instalado o Adobe Photoshop, é provável que ele não abra.

No entanto, é preciso ter em mente que, na maioria dos casos, um documento pode abrir em vários programas que não o seu criador, mesmo que isso não aconteça automaticamente quando você der um duplo-clique. Digamos que você receba um texto criado no Word (.doc), mas não tenha o Word instalado no Mac. O AppleWorks 6.2, por exemplo, abre documentos de Word e Excel e é uma boa alternativa para quem não está numas de desembolsar grana no Office 2001 ou no novo Office v. X para o Mac OS X.

Tipo e criador

No mundo DOS/Windows existe algo chamado *extensão de arquivo.* São os três caracteres que vêm no fim do nome do documento, precedidos de um ponto (.jpg, .mp3 e coisa e tal). Essa extensão informa ao sistema operacional qual é o tipo de arquivo, para que ele e os aplicativos saibam do que se trata. Isso implica que a ausência da extensão simplesmente impossibilita o uso do documento. Para piorar, cada extensão de arquivo é associada a um único programa para abri-la, independente de cada documento ter sido criado ou não por outro aplicativo.

Assim, pode acontecer de você gerar uma imagem .tif no Photoshop e perceber que, quando dá um duplo-clique no ícone, ela insiste em abrir no Corel Photo-Paint. Você só pode mudar essa associação no Windows de uma forma *geral,* para todos os arquivos que tenham a mesma extensão. Assim, se você alterar a associação da extensão .tif para o Photoshop, todos os arquivos .tif criados no Photo-Paint também passarão a abrir no Photoshop quando duplo-clicados.

O Mac OS clássico (até a versão 9.x) não requer extensões nos nomes dos arquivos, pois tem um esquema bem mais inteligente e prático para indicar as associações *(leia o box sobre o Mac OS X, virando a página).* Todo documento gerado dentro do Mac OS clássico contém dois códigos embutidos invisíveis, conhecidos como Creator (Criador) e Type (Tipo). O primeiro diz em que programa foi criado o arquivo e o segundo é similar às extensões do Windows, informando o tipo do arquivo.

A vantagem de haver dois códigos separados e invisíveis é que você pode nomear o documento do jeito que quiser e não precisa se preocupar se ele será aberto no programa em que foi criado ou em outro, evitando maiores confusões.

Quando um documento vem do Windows, os códigos de tipo e criador não existem e o Mac OS não sabe qual programa está associado ao arquivo na hora de abri-lo. Aí, o sistema mostra uma lista de aplicativos para você escolher o que deve abri-lo.

Troca-troca

Para facilitar a identificação de arquivos vindos de fora, o Mac OS 9 conta com o painel de controle File Exchange (Intercâmbio de Arquivos). Normalmente, você não precisa se preocupar com ele, pois tudo já está lá, configurado direitinho. Mas, a título de curiosidade, aqui vai uma breve explicação de como funciona.

1 Abra o painel, pelo menu da maçã.

2 Clique na aba PC Exchange (Intercâmbio PC) e veja se as duas caixinhas estão habilitadas no alto da janela.

3 Abaixo, você verá três colunas:

• **PC Extension** (Extensão PC) – Extensão de arquivo de PC.

• **Application** (Aplicativo) – O programa que abre automaticamente o arquivo com a extensão mostrada no campo anterior.

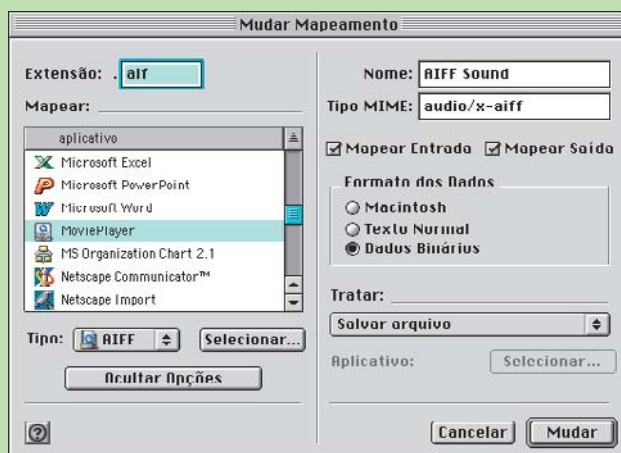
• **File Type** (Tipo de Arquivo) – Código de Type do arquivo no Mac OS (é nomeado sempre com quatro caracteres e discriminando-se entre minúsculas e maiúsculas).

Com isso, toda vez que você tentar abrir um arquivo com extensão de PC, mas sem as informações de criador e tipo, o Mac OS irá conferir a lista do File Exchange para ver qual programa pode ser associado a ele.

4 Se alguma extensão de arquivo de PC não estiver listada, é possível adicioná-la manualmente. Para isso, basta clicar no botão Add (Adicionar).

Se a extensão já estiver listada, porém associada a um programa que não o de sua preferência, use o botão Change (Alterar).

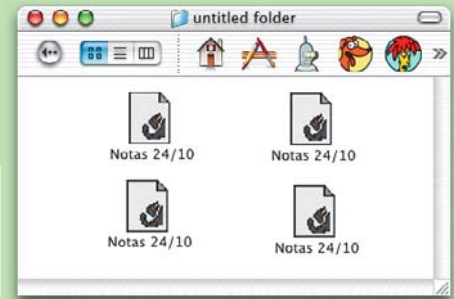
5 Na janela que surge, são apresentados todos os programas instalados no Mac. Tudo o que você precisa fazer é digitar os três caracteres da extensão no campo Extension, selecionar o programa que abrirá o documento e clicar em Adicionar ou Alterar.

Se você quiser apenas mudar o programa associado a uma extensão, clique em Change e repita o processo.

Mac OS X: Meio Mac, meio Windows

O Mac OS X – o novo sistema operacional da Apple, para quem acabou de chegar ao planeta – tem detalhes importantes diferentes do Mac OS "clássico" (como as versões anteriores são conhecidas agora). Optou-se por adotar o mesmo tratamento às extensões de nomes que existe no Windows. (De modo geral, as extensões têm a mesma função dos códigos Type do Mac OS clássico.) Ao mesmo tempo, a Apple preservou no OS X a compatibilidade com os códigos Type e Creator, de modo que qualquer documento gerado no ambiente Classic será lido levando-os em conta. Porém, muitos programas nativos do OS X, inclusive alguns da própria Apple (o Preview, por exemplo), ignoram essa informação e só levam em conta a extensão no nome – o que faz, no final das contas, com que os arquivos acabem necessariamente precisando de extensões... como no Windows.

A implementação das extensões no OS X, apesar das muitas semelhanças com o Windows tem algumas vantagens. O padrão no OS X é a extensão ficar escondida do usuário. Ela é visível na janela Show Info; no Finder, só aparece se não for conhecida por nenhum aplicativo instalado, se houver dois arquivos na mesma pasta que diferem só pela extensão, ou se houver outra extensão válida antes da extensão "de verdade". Essa última opção foi criada para evitar casos de vírus escondidos por extensões aparentemente inofensivas (por exemplo, clique-me.doc.pif), algo muito comum no mundo Windows. O Mac OS X mostra automaticamente a extensão final se houver outra válida antes dela no nome. Possíveis erros do usuário geram um alerta. Se você tentar alterar a extensão de um arquivo, aparecerá uma caixa de diálogo pedindo confirmação e alertando para as consequências presumivelmente funestas de se colocar a extensão errada.

A intenção da Apple é dar um fim no sistema Type/Creator, alegando como motivo a maior compatibilidade com o mundo Windows. Boa parte da comunidade macmaníaca acha que isso é um passo para trás, uma vez que o sistema do Mac OS clássico é inquestionavelmente mais inteligente. Mas, como o Mac OS X está sendo construído "com o carro andando", muita coisa ainda pode acontecer nessa novela. Não perca o próximo capítulo.

Os quatro arquivos têm extensões diferentes, mas o Finder com a preferência *default* de ocultá-las causa confusão

Culpa da Internet

Arquivos transmitidos pela Internet também podem ser uma fonte de problemas. Qualquer mensagem de email — incluindo os documentos anexados — é codificada na hora do envio e decodificada quando chega no seu programa de email. O problema é que, por causa disso, os arquivos "atarrachados" podem chegar zoados e não será possível abri-los.

O melhor jeito de evitar isso é sempre enviar (e pedir para que os outros lhe mandem) arquivos comprimidos no formato StuffIt (se o destinatário usar Mac) ou no Zip (para Windows). Para facilitar essa tarefa, programas de email como o Outlook Express ou o Entourage, da Microsoft, sabem "estufar" os arquivos anexados automaticamente. Já para "zipar" um documento no Mac, é preciso utilizar o StuffIt Deluxe (www.aladdinsys.com), pago, ou o ZipIt (www.maczipit.com), shareware.

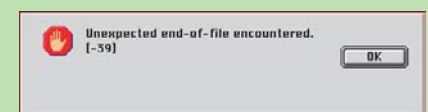
Um recurso interessante do Mac OS que pode ser útil nessas horas é o painel de controle Internet. Além de guardar as suas principais configurações de Internet (email, senha, browser padrão etc.), ele também oferece funções semelhantes às do File Exchange, só que aplicadas aos arquivos que são baixados da Web ou que chegam por email. Esse painel nada mais é do que o velho shareware Internet Config, que foi comprado pela Apple e incorporado ao Mac OS 8.5. Se você usa um sistema mais antigo, é altamente recomendável baixar o shareware original, que está na versão 2.5.

1 Clique na aba Avançado (Advanced) e depois selecione a seção Mapping (Mapeamentos).

2 Aqui você vê três colunas: Extension, Description e Application (Extensão, Descrição e Aplicativo); a última informa o software associado. Para acrescentar ou alterar itens, basta seguir os mesmos procedimentos utilizados no File Exchange.

3 Dica para quem está usando o Mac OS 8.6 ou anterior: a aba Advanced só aparece se você for no menu Edit ▸ User Mode (Editar ▸ Modo de Usuário) e selecionar a opção Advanced (Avançado).

Corrupto!

Quando nenhum dos procedimentos descritos anteriormente funcionar para abrir um arquivo cujo tipo você conhece, é porque ele provavelmente está corrompido. Isto significa que, por algum motivo (normalmente um pau feio ou um problema na transmissão), ele foi danificado e não tem como ser utilizado.

Nesse caso, o jeito é usar um reparador de disco, como o Norton Disk Doctor, na esperança de ser um problema corrigível, mas as chances geralmente são poucas. Se alguém lhe tiver passado o arquivo, peça para mandar outra cópia.

Ufa!

Percebeu que abrir um arquivo pode não ser tão fácil como coçar o nariz? Porém, com as dicas que passamos aqui, você poderá contornar a maioria das situações. Agora, se o arquivo estiver zicado, nem com reza braba para Exu Tranca-Rede. Nesse caso, milagres não acontecem. M

MÁRCIO NIGRO

Testamos seis no-breaks para seu Mac não ficar no breu

Você pode assoviar, olhar para cima e fingir que não é com você. Mas não adianta: a qualquer hora, a luz pode acabar ou a rede elétrica pode apresentar oscilações de energia perigosas. E, se você estiver trabalhando no computador quando isso acontecer, ele vai desligar repentinamente e você perderá o trabalho que estava fazendo. E não adianta argumentar que é seu costume salvar o documento "de dois em dois minutos", porque isso não ameniza a situação. Quando se trata de falhas na rede elétrica, coisas bem ruins podem acontecer a um arquivo aberto ou, ainda pior, a seu Macintosh. Quando a máquina é desligada repentinamente, um documento pode ser danificado e botar tudo a perder. As variações na tensão da rede – corriqueiras em todo o território brasileiro – e o retorno da energia elétrica podem criar picos de intensidade perigosos. São esses tipos de situação que justificam a aquisição de um *no-break*, equipamento que contém uma bateria para a continuidade do fornecimento de energia por um determinado tempo, no caso de interrupção na rede pública. Eles são a solução para proteger seu Mac e periféricos de anormalidades no fornecimento de energia, apesar de não serem uma panacéia para todos os males *(ver o box "Raios o partam!")*.

Net Manager Net+

Para esta edição, decidimos avaliar de perto alguns modelos dos principais fabricantes do mercado brasileiro: APC, Prestolite, Ragtech e SMS. Eles nos enviaram modelos para o mercado doméstico e também para usuários profissionais ou Macs mais exigentes, ou seja, respectivamente, nas faixas de 500 VA e de 1000 VA (volt-ampères). Infelizmente, algumas empresas importantes desse mercado não puderam participar do teste, entre elas a Engetron (que informou estar vendendo tantos no-breaks depois do racionamento de energia no Nordeste que não tinha nenhum disponível para teste; bom para eles), a Chloride (companhia de origem inglesa, que só tinha modelos de 220 V à disposição) e a Liebert (que também não tinha produtos à mão). Essas ficam para a próxima.

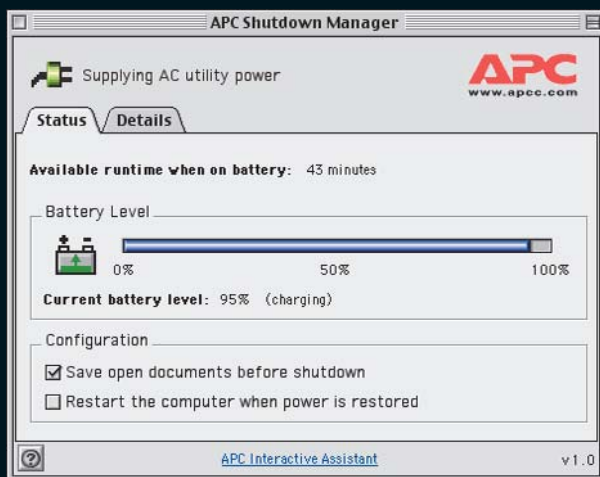
Back-UPS CS 500

No final das contas, avaliamos seis produtos: Back-UPS CS 500 e o SmartUPS 1000, da APC; Synergy One (500 VA), da Prestolite; Micron 650 Net, da Ragtech; e Manager Net+ (650 VA) e Manager III (1300 VA), da SMS.

Smart UPS 1000

Dimensionando a bagaça

Afinal, como saber se a potência de um no-break é adequada para proteger os meus equipamentos? Um modo matemático de dimensionar sua necessidade é verificar na parte traseira de cada equipamento que vai ser conectado ao no-break o valor da tensão (indicado pela letra "V" ou por "volts") e da corrente elétrica, indicado pela letra "A" ou por "ampères". Anote os valores e multiplique um pelo outro para obter o valor de potência VA; some os resultados obtidos para cada item a fim de saber a potência total. Por fim, multiplique esse último número por 1,4, para saber que categoria de no-break você necessita.

De modo geral, um no-break de 500 VA será suficiente para um iMac e a maioria dos Macs da fase bege com um monitor de 15 polegadas. Para um G4 e monitores de 17 polegadas ou superiores, é recomendado um modelo de 1000 VA ou mais. No entanto, isso não quer dizer que você não possa usar um modelo de 500 VA com um G4, desde que o monitor não seja um grande comedor de energia (como os de 19 polegadas ou mais). Apesar de não ser recomendado, você pode até ligar dois computadores e outros periféricos num no-break de 500 VA sem que ele reclame. A desvantagem é que a eficiência do produto cai e a bateria durará muito pouco no caso de faltar luz.

Software incluído no Back UPS salva os documentos abertos e desliga o Mac automaticamente se você não estiver por perto quando a escuridão chegar

Estabilizados

Todos os modelos avaliados incorporam estabilizador de energia, recurso importante para nivelar as variações na tensão da rede elétrica para cima ou para baixo. Esse fato mostra que estamos falando de um mercado amadurecido, que procura fornecer soluções integradas para os consumidores.

Todos os produtos também procuram, de alguma forma, fornecer forma de onda senoidal (a mais pura possível) para os equipamentos conectados, uma vez que as fontes dos computadores são projetadas para trabalhar com ela. A maioria das máquinas voltadas para o mercado doméstico não é muito exigente nesse quesito. No entanto, muitos servidores de rede, por exemplo, nem funcionam se a fonte de energia não produzir uma senóide pura, característica que só é oferecida por no-breaks

mais parrudos. Entres os produtos testados, apenas o Manager III, de 1300 VA, e o Smart UPS, de 1000 VA, oferecem onda senoidal pura, enquanto os outros trabalham por aproximação ou métodos semelhantes.

Raios o partam!

Assim como a aldeia gaulesa de Asterix, a coisa que os macmaníacos mais devem temer é que o céu caia sobre suas cabeças. Apenas um dia de mau-humor de São Pedro (ou de Tutatis) pode ameaçar seu Mac e tudo mais que estiver ligado à tomada.

Para se proteger da fúria dos deuses, existem duas soluções. A mais segura – e infalível – é desligar tudo da tomada. Não falha nunca. Porém, como não é todo mundo que pode se dar ao luxo de parar tudo num dia de chuva, a outra alternativa é fazer o aterramento da rede elétrica. Você é daqueles que nunca soube para que serve aquele pininho extra que vem nos cabos de força do Macintosh e de outros equipamentos? Pois bem: esse pininho que muita gente gosta de arrancar fora é para a conexão com o fio-terra. Meio esquecido por estas bandas tropicais, o fio-terra tem a a função de canalizar uma descarga elétrica, ou pelo menos a maior parte dela, para o chão. O fio-terra é conectado a uma barra de cobre fincada no solo que dissipa a eletricidade na terra. Por isso, é recomendável pagar um eletricista capacitado para realizar o serviço de instalação do terra. E para que você não fique perdido na mão de algum charlatão qualquer, aqui vão algumas dicas para identificar se o serviço foi bem executado:

1 A caixa de luz deve ter aterramento independente do aterramento das tomadas, pelas normais atuais de projeto.

2 O fio-terra das tomadas tem que estar conectado a uma barra de cobre puro, completamente fincada no solo.

3 Deve haver terra num raio de três metros da barra, para que a eletricidade possa ser dissipada eficientemente. Evite, por exemplo, colocá-la num barranco.

4 Do nível do solo até o começo da barra deve haver um buraco de cerca de 60 cm cúbicos, chamado de caixa de inspeção.

5 Para melhorar a condutividade do solo, é recomendável tratá-lo periodicamente com sal grosso, carvão e gel de aterramento.

Prestolite Synergy Plus

Luzinhas e botões

No-breaks são produtos, em geral, muito fáceis e intuitivos de usar, oferecendo um ou dois botões e alguns LEDs (luzinhas indicadoras) para indicar coisas como nível de bateria, sobrecarga na rede, falhas etc. Entre os modelos testados, o mais "informativo" é o Smart UPS, da APC, que tem luzes para indicar a compensação de voltagens altas e baixas, nível de carga na bateria, porcentagem de energia drenada do no-break, sobrecarga do sistema e a necessidade de substituir a bateria. O Manager III conta com indicador de nível da bateria, enquanto os outros são mais modestos.

Desligar qualquer um dos no-breaks acidentalmente é quase impossível. Os modelos da Prestolite e da APC trazem os botões de força "afundados" para dificultar qualquer "deslize corporal". Já os da SMS ainda contam com um temporizador para garantir que o botão só seja acionado quando for pressionado por alguns instantes (o botão de força também pode ser usado para silenciar os bipes de alarme do no-break quando há falta de energia). Já os da Ragtech só desligam se você exercer uma pressão maior sobre o botão. Só alguém muito tapado ou com má fé vai desligá-los em momento inapropriado. Nesse quesito, o Manager III ainda traz um diferencial: a parte frontal do no-break pode ser separada e funcionar como um controle remoto.

Amigo do Mac

Alguns dos no-breaks trazem porta de comunicação serial para permitir a integração com PCs com Windows, o que não é de muita valia para nós, macmaníacos. Talvez por ser dos EUA, onde o mercado da Apple é bem maior, a APC é a única fabricante que oferece integração com o Mac. O Back-UPS traz porta USB e um software para ver o nível da bateria, salvar os documentos abertos automaticamente no momento em que houver uma falha de energia e ainda determinar que o Mac ligue assim que a energia voltar. Simpático da parte deles.

Autonomia

É natural acreditar que um no-break mais potente vai ter autonomia – o tempo que pode funcionar apenas com a energia da bateria – maior do que um menos parrudo. Porém, isso não é necessariamente verdade, pois a autonomia da bateria não é relacionada à potência do no-break mas sim ao seu peso, de modo geral. Quanto mais pesado, maior deve ser a bateria e, portanto, melhor a autonomia. O Smart UPS foi, indubitavelmente, o melhor nesse aspecto, mantendo-se "de pé" por 47 minutos com um G4 e um monitor de 17 polegadas ligados, o que justifica seus mais de 20 quilos (é o mais pesado de todos). Dá para você fazer muita coisa enquanto espera a luz voltar. De qualquer modo, os outros garantem autonomia mais do que suficiente para salvar os documentos e desligar o Mac tranquilamente.

A autonomia é fundamental, mas na hora de escolher um no-break é bom analisar os recursos oferecidos, pois alguns deles podem ser importantes. Os produtos da SMS, da Ragtech e o Synergy Plus, por exemplo, oferecem opção de conectar uma bateria extra para permitir maior autonomia. Também é bom lembrar que o cabeamento de telefonia pode conduzir descargas elétricas. Para evitar que seu modem seja danificado num caso desses, os produtos da SMS, Ragtech e o Back-UPS 500 incluem proteção para a linha telefônica. Já o Smart UPS tem um indicador traseiro que diz se há alguma deficiência na rede, normalmente relativo à falta de aterramento. Além disso, os modelos da APC são os que oferecem maior número de tomadas – seis ao todo. O único detalhe é que, no Back-UPS, só três oferecem becape de energia; as outras três são apenas estabilizadas.

SMS Manager III

Fique ligado

Onda senoidal: a corrente elétrica da tomada é alternada, ou seja, a sua polaridade (positivo/negativo) muda constantemente, à razão de 60 ciclos por segundo (Hz). A transmissão de energia mais eficiente acontece quando a variação dos ciclos é absolutamente suave, o que se traduz numa forma de onda senoidal, a mais pura de todas. A influência de cargas elétricas diversas próximas à instalação ou deficiências nos circuitos podem deformar essa onda, dificultando a transmissão e causando perdas. Muitos no-breaks reconstroem a forma de onda com métodos próprios, independentemente do que entra pela rede elétrica local.

A escolha

Sabemos que o preço sempre é o que pesa mais. A boa notícia é que a disparidade de preço entre os no-breaks testados não é grande (dentro de cada categoria, é claro). Assim, a escolha entre um e outro acaba não girando tanto em torno de dinheiro. A única exceção foi o Smart UPS, que custa três vezes mais do que os outros modelos na faixa dos 1000 VA, apesar de oferecer autonomia apenas duas vezes maior.

A tabela comparativa abaixo pode ajudar na sua decisão, mas é preciso deixar claro que a nossa avaliação leva em conta apenas a autonomia e os recursos oferecidos em cada equipamento. Não realizamos testes específicos de resistência a picos de energia, por exemplo, de modo que não podemos dizer tecnicamente qual é o produto que protegerá melhor seu Mac. Quem sabe o Fantástico não faz esse tipo de teste com o Inmetro?

No final das contas, o Back-UPS ficou com a melhor avaliação, basicamente porque é o único que traz software compatível com o Mac OS (somos bairristas mesmo nessas horas). Já o Smart UPS, também da APC, teve uma avaliação pior devido ao seu alto preço. O da Prestolite perdeu alguns pontos por ser o que oferece menos recursos, embora tenha boa autonomia. Os dois modelos da SMS são os que incluem maior número de recursos, maior potência e preços competitivos, pecando apenas pela ausência de programas para Mac. Por fim, o da Ragtech foi favorecido pela sua excelente autonomia, levando-se em conta seus 500 VA.

Enfim, todos os no-breaks se comportaram dignamente e merecem, pelo menos, um voto de confiança. A decisão final fica por sua conta. M

Ragtech Micron 650 Net

MÁRCIO NIGRO
Ganhou o título de campeão de levantamento de no-break, por falta de outros competidores.

Modelo	Potência de saída	Autonomia (G4 Dual 400 e monitor de 17" Sony)	Forma de onda	Prós	Contras	Preço (R$)	Avaliação	Fabricante e contato
Back-UPS CS 500	500 VA	9min	Senoidal escalonada	Software de gerenciamento para Mac; 3 tomadas com becape e 3 estabilizadas; disjuntor de segurança; Proteção para linha telefônica	Sem suporte para bateria externa	289	[5 ícones]	APC www.apc.com
Smart UPS 1000	1000 VA	47min	Senoidal pura	Ótima autonomia Sensor de deficiência na rede elétrica; 6 tomadas	Muito caro; um pouco barulhento quando aciona a bateria; não se comunica com Mac; sem proteção para linha telefônica; sem suporte para bateria externa	1.673	[3 ícones]	APC www.apc.com
Synergy Plus	1000 VA	21min	Senoidal em rede	Boa autonomia; suporte para bateria externa	Bateira só carrega enquanto estiver ligado; não se comunica com Mac; sem proteção para linha telefônica	500	[3 ícones]	Prestolite 0800-1213-03
Manager Net+	650 VA	9min	Senoidal por aproximação	Microprocessado, medidor de nível de bateria; estabilizador de quatro estágios; proteção para linha telefônica; suporte para bateria externa	Maior potência implicou em melhor autonomia; não se comunica com Mac	230 (monovolt) 265 (bivolt)	[4 ícones]	SMS 11-4075-7000 www.sms.com.br
Manager III	1300 VA	19min	Senoidal pura	Controle remoto; medidor de nível de bateria; silenciador de alarme sonoro; estabilizador de quatro estágios; proteção para linha telefônica; suporte para bateria externa	Maior potência implicou em melhor autonomia; não se comunica com Mac	475 (monovolt) 530 (bivolt)	[4 ícones]	SMS 11-4075-7000 www.sms.com.br
Micron 650 Net	650 VA	12min	Senoidal modificada	Ótima autonomia; proteção para linha telefônica; suporte para bateria externa	Não se comunica com Mac; um pouco caro	325	[3 ícones]	Ragtech 11-6096-3411 www.ragtech.com.br

Faça o Seu MacQuário

Por **Ricardo Cavallini**

Depois de anos sendo injusto com o título de colaborador da Macmania, volto a escrever, apresentando talvez a mais inútil das matérias. A idéia de fazer um aquário dentro de um Mac não é nova, e é fácil encontrar na Web relatos de quem já construiu o seu, com guias, fotos e até uma loja que vende kits ou "MacQuariums" prontos. Portanto, devo me focar aqui em passar informações que foram difíceis de encontrar, ou que tive que aprender na marra.

Passo 1: a carcaça

O primeiro passo é conseguir a carcaça de um Mac velho. Se você é tarado o bastante para construir um aquário dentro de um Mac, não cometa o pecado de usar um Mac que esteja funcionando! Como a maioria das pessoas, usei uma carcaça de Classic; portanto, muitas das dicas aqui só vão funcionar em carcaças do mesmo formato (SE/30, Plus, Classic II etc.). O aquário oficial da Macmania (esse ao lado) foi construído com a casca de um Mac 128K, o modelo original de 1984. O molde interno dele é completamente diferente do do Classic.

A maneira mais fácil de achar o Mac velho é ligar para as assistências técnicas. Eu encontrei dois e paguei 50 reais cada um. Consegui negociar e pedir para retirar o tubo de imagem do monitor, evitando o risco de eu mesmo tentar e virar churrasco. É importante lembrar que monitores de computador, assim como televisões, *continuam carregados depois de desligados.* Descarregá-los é uma tarefa que exige técnica e aparelhagem correta. Se você não sabe fazer, talvez não valha a pena aprender. Sendo assim, pague para a assistência técnica tirar a tralha de dentro do seu Classic e entregá-lo desmontado.

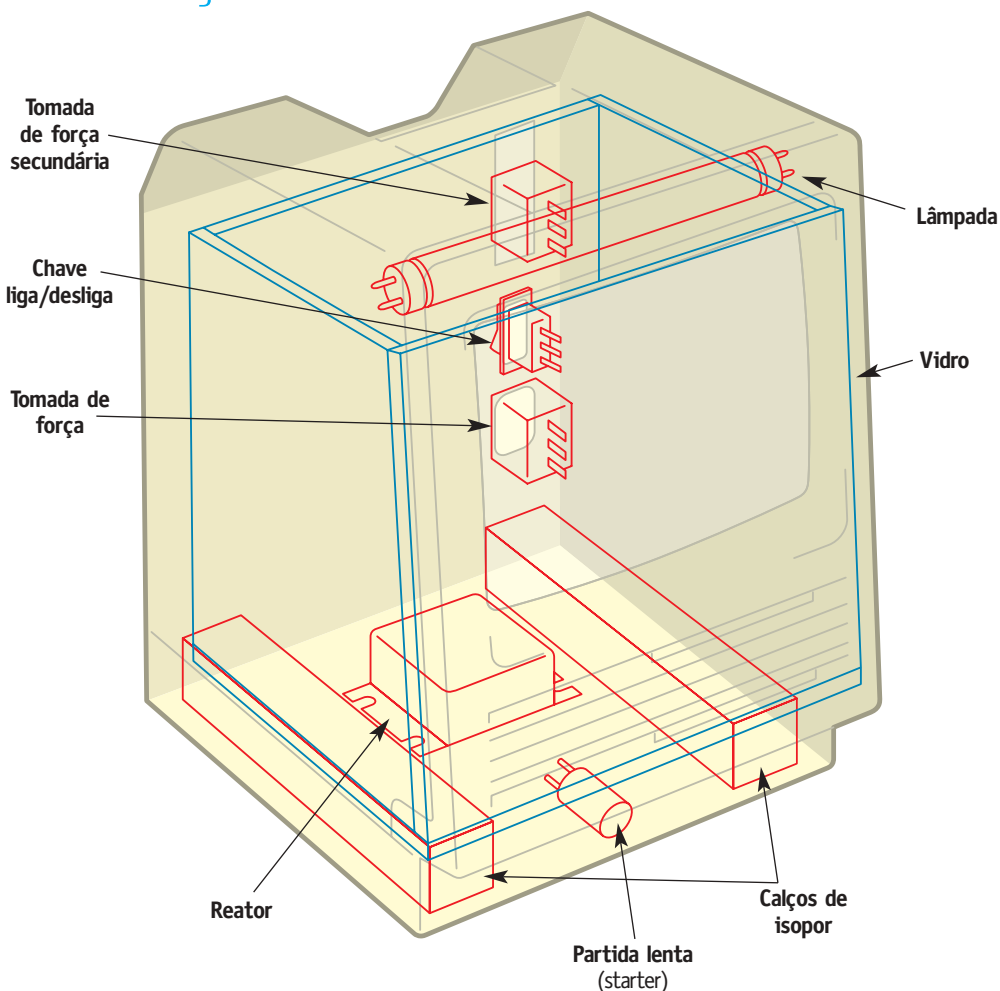
Para limpar a carcaça, usei um produto de limpeza comum chamado Cif, da Lever, que limpou muito mais fácil que o Veja – a minha primeira tentativa. Só tome cuidado para não apagar o nome do computador pintado sobre a carcaça nem o logo da Apple!

Passo 2: brincando com objetos cortantes

Ao olhar a carcaça por dentro, você vai perceber que existe uma pequena quantidade de encaixes no plástico e buracos salientes de parafusos, que devem ser cortados fora para que o aquário caiba dentro do Classic. Cada modelo de carcaça possui saliências internas diferentes, portanto a regra é cortar tudo que seja muito saliente ou que passe do limite de encaixe do vidro do aquário que irá lá dentro.

Algumas das peças rente à base quebram sob pressão, mas a melhor maneira de cortá-las é usando aquelas serrinhas amarelas de metal, encontráveis em qualquer casa de material de construção. Essas serras têm uma envergadura pequena, o que é muito útil. Use a serra fazendo pressão com um dos lados dela contra a carcaça; assim, ela poderá cortar mais rente à base.

A parte mais difícil vem agora: é preciso abrir um buraco em cima da carcaça, para que você tenha acesso fácil ao aquário. Pode-se retirar a parte da carcaça que forma a alça de transporte, ou (em modelos mais antigos) as tampas compridas que ficam dos dois lados, também em cima.

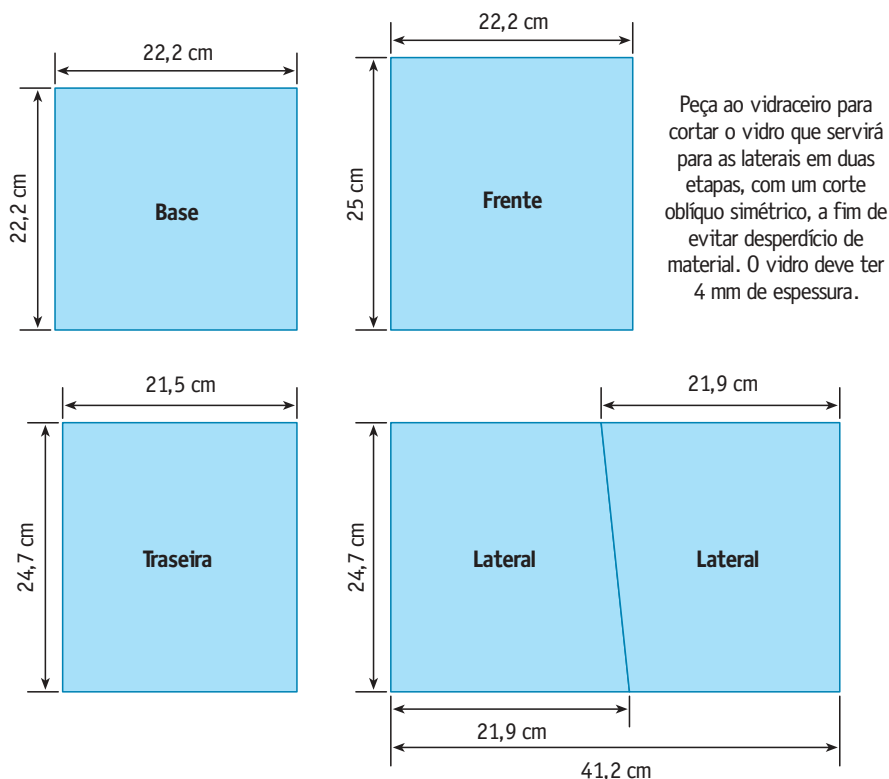
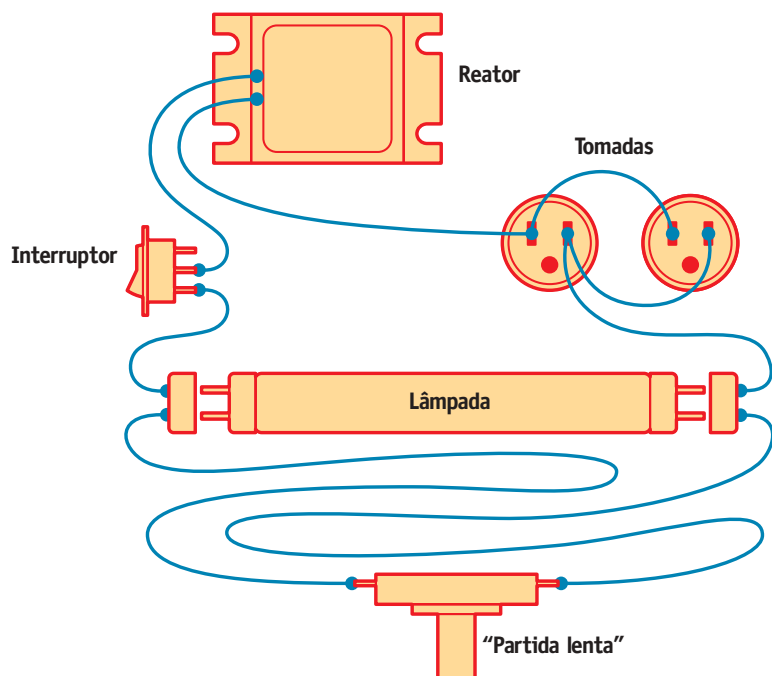
Fiz o buraco serrando o suporte por dentro (parte superior), rente à carcaça, até vazar para o lado de fora, e depois continuando assim por fora. Depois, usei uma furadeira para "ajudar a fazer a curva" com a serra. Faça furos e pressione a broca até abrir um buraco grande o bastante para que a serra entre e finalize o trabalho.

Passo 3: o vidro

Se você já sabe fazer um aquário, não precisa de instruções. Se não sabe, pague alguém para isso. Paguei R$ 30 para uma loja de aquários construir ▶

Maldita Torx!

Se você arrumou alguém para tirar o tubo de imagem, já deverá ter se livrado de todos os parafusos; caso contrário, vai precisar de uma chave Torx T-15 de cabo longo. Torx é uma chave parecida com a Allen, mas com a seção em estrela de seis pontas; não é difícil de achar nas lojas de ferramentas.

O cabo longo é necessário para alcançar os parafusos da parte de cima da carcaça. Na época desses modelos de Mac, a Apple achava que o usuário nunca deveria abrir seu computador, e portanto isso não precisava nem devia ser uma tarefa fácil. Como é difícil achar uma Torx de cabo longo, você pode fazer uma, aquecendo um corpo de caneta Bic vazio e enfiando uma Torx comum dentro.

Construção Mecânica

Esquema Elétrico

o meu. O diagrama mostra o que você vai precisar. Se você é nerd "no osso", pode procurar alguém que faça aquários com vidro curvo para encaixar perfeitamente na abertura frontal. Na minha opinião, isso não é necessário e vai ser bem difícil conseguir um encaixe perfeito.

Passo 4: alicerce

Você pode fazer a base que sustenta o vidro do aquário com qualquer material. Utilizei pedaços de isopor, daqueles que vem em caixas de monitores e outros aparelhos eletrônicos. Cortei com estilete duas tiras de cerca de 3x3 cm, da profundidade da carcaça. A idéia foi deixar o miolo de baixo do aquário livre para aconchegar parte dos componentes elétricos. Para me certificar de que o aquário não cederia, colei com fita dupla face um pedaço fino de compensado na parte de baixo do aquário.

Passo 5: iluminação e instalação elétrica

Existem lâmpadas especiais para aquários, que não só deixarão seu peixe mais bonito, mas também não farão mal à saúde dele. O problema é que eu não encontrei uma fluorescente que fosse pequena o suficiente para colocar em cima do aquário, já que a carcaça é bem estreita. Já vi gente na Web que usou aqueles enfeites de Natal, parecidos com uma mangueira colorida com várias lampadinhas dentro. (O aquário da Macmania quebra o galho com uma lâmpada menor enfiada na abertura traseira.)

Para quem mora em São Paulo, a rua Santa Efigênia é a opção natural para a compra. Lá, você vai encontrar toda a gama de componentes necessários: chave *on/off*, cabos elétricos, reator, tomadas e até mesmo a lâmpada. Aconselho também a comprar uma partida lenta, pois vai garantir uma vida útil maior para a lâmpada e será mais fácil trocar a partida do que a lâmpada.

Para fazer a ligação de um cabo com outro, use conectores de verdade em vez daquele serviço porco de enrolar fita isolante nas conexões. Soldar é a melhor alternativa, mas exige prática. Se não quiser soldar, use bornes, que são aqueles conectores com parafusos para prender os fios. Eles são acháveis em casas elétricas e de refrigeração. Compre uma barra de bornes das pequenas (eles vêm em barras com 8 ou 12 conectores cada). Basta desencapar meio centímetro de cada fio, inserir no borne e apertar o parafuso. Muito prático!

Só de frescura, passe todos os cabos encostados na traseira e não pela lateral da carcaça. Você pode colar uma imagem de fundo por dentro do seu aquário, atrás e nas laterais (usando Contact transparente sobre uma impressão de jato-de-tinta, por exemplo) para esconder os fios. Se quiser ser ainda mais fresco, você pode utilizar um cabo de força de Mac para ligar o seu esquema elétrico na tomada; para isso, utilize o próprio plug original. Se quiser, pode também reciclar um conector de qualquer outro aparelho, como um SyQuest ou HD externo, para uma segunda tomada destinada ao filtro de linha.

A parte chata é que vai ser preciso entortar as pontas do conector e talvez soldar cabos para que essa ligação não fique muito saliente e bata na parte de trás do aquário.

Passo 6: filtro, cascalho, peixes etc.

A regra diz que quanto menor o aquário, mais difícil é cuidar dele. Quanto menos água, mais fácil e rapidamente as mudanças de temperatura e pH podem acontecer. Se você não tem experiência com aquários, como eu, procure comprar peixes mais resistentes e menos frescos (não no sentido de peixaria). Isso também implica fugir da água salgada. Uma boa loja de aquários pode ajudar a fazer as opções certas, ajudando também com dicas para os outros componentes internos do aquário, como cascalho, filtro e água. Você não vai gastar muito. Entre cascalho, termômetro, bomba, medidor de pH, remédios e outras coisinhas, não deve gastar R$ 50.

A bomba de ar costuma ir pendurada à lateral dos aquários, mas preferimos deixá-la separada, sobre a mesa, para diminuir a vibração no Mac. Isso significa que você pode ter que adaptar uma mangueirinha de ar mais comprida.

Pronto!

No final das contas, você deve perder entre uma e duas semanas para produzir o seu – entre comprar tudo o que precisa, arrumar uma carcaça, esperar os vidros serem montados etc. Quem não gosta muito de aquário vai achar mais divertido fazer do que efetivamente cuidar dos peixes. Se você não gosta de aquários, tem ainda a opção de fazer isso como um *hobby* e doá-lo ao seu escritório ou a algum amigo que cuidará direito dos peixes. Um MacQuário pode não ser considerado um aquário perfeito ou prático por aquaristas, e algumas pessoas podem começar a achar você mais estranho. Mas, com certeza, construí-lo é bem divertido. M

RICARDO CAVALLINI cava@impex.com

Agradecimentos: **Luciano Sigoli** (outro tarado) e **Dr. Webster's Guide to the MacQuarium**

Para saber mais

Dr. Webster's Guide to the MacQuarium
http://come.to/macquarium

aMac Aquariums links
www.theapplecollection.com/Collection/MacAquarium/links.html

Mac Aquariums
www.redlightrunner.com/macaquariums.html

MacAquarium
www.macaquarium.com

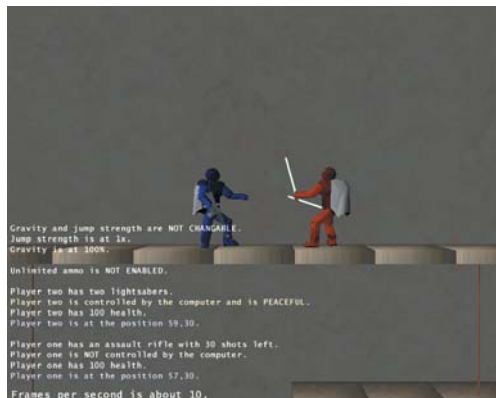
MacQuarium
http://macquarium.seltzer.org

Jogos que vale a pena baixar

Nem só de trabalho vive o Mac

Qual é o motivo para você ter um computador? Trabalho, aprendizado, possibilidade de ganhar um dinheirinho com ele, pesquisas na Internet, email e mais um monte de bobagens que você inventa para convencer seus pais, sua mulher e seus filhos de que o seu computador é útil para alguma coisa. Mas na verdade você sabe, e eu sei, que o motivo de ter gastado uma grana pra comprar um Mac foi simplesmente o de poder ficar jogando por horas a fio sem que ninguém encha o seu saco, não é? Se concorda com isso, dê uma olhada no que separamos para você ficar brincando o dia todo e esquecer o resto do mundo!

GLFighters

Não sei se dá pra chamar de jogo, mesmo porque ainda não foi acabado, mas de qualquer forma é possível brincar bastante com esse programa totalmente baseado na arquitetura 3D OpenGL, embutida no Mac OS. Você controla um robô e o computador ou um amigo controla o outro. O objetivo é um matar o outro com vários tipos de armas (incluindo um sabre de luz Jedi!). Mas a diversão mesmo fica por conta de várias opções de mudança de fundo, edição do labirinto, efeitos em 3D e mais um monte de outras coisas. Obviamente, tem um zilhão de bugs e coisas esquisitas, mas mesmo assim é interessante o suficiente para ser baixado e testado.

Airburst

Esse é daqueles jogos insanos que faz você perder noites de sono e horas de trabalho tentando quebrar o próximo recorde. Como explicá-lo? Você e mais três jogadores (que podem ser controlados pelo computador ou por seus amigos se acotovelando no mesmo teclado) ficam em cima de nuvenzinhas formadas por bexiguinhas (meigo, não?). Uma bolinha fica batendo de um lado ao outro, acertando e furando as bexigas da sua nuvem e das dos outros jogadores, e tudo o que você tem a fazer é se defender da bola e esperar que no final você tenha menos bexigas estouradas do que os outros jogadores (quando tem todas suas bexigas estouradas, eles ficam sem sua nuvem e caem). Na verdade, é uma variação de jogos estilo "paredão", com gráficos bem legais e ação rápida, como um bom jogo deve ser.

X Native Assault

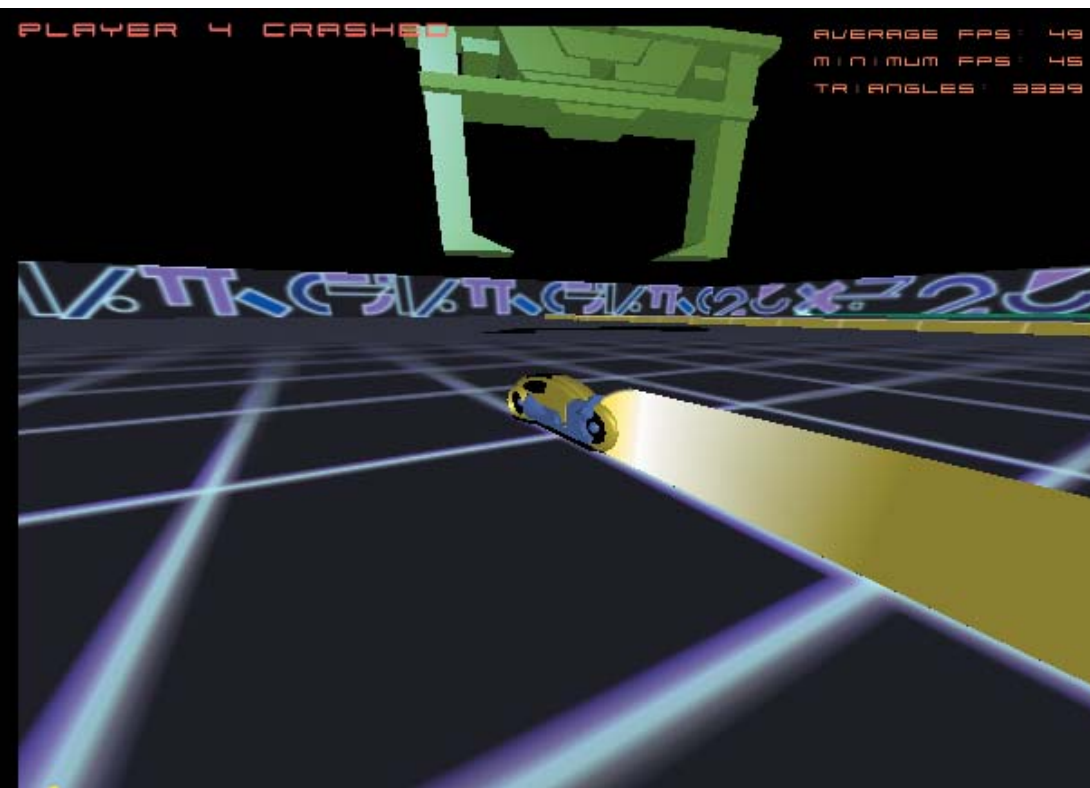
Como existem poucos jogos com idéias novas para o MacOS X, a moda é trazer jogos do passado para tentar fazer algum sucesso no novo sistema operacional. Um dos muitos "clássicos" que você pode achar por aí é o Native Assault, que teve seus dias de glória quando se chamava "Missile Commander" e era o cartucho que vinha de brinde quando você comprava um Atari. O objetivo do jogo é proteger prédios do ataque de mísseis inimigos, atirando contra eles (assunto bastante atual...). O jogo é bem feitinho e traz algumas novidades, como a possibilidade de comprar mais poder de fogo ou gastar seus pontos ganhos para reconstruir os prédios. Boa diversão para o OS X.

NERDS Rope

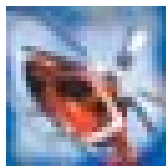
Mais uma versão do velho jogo da cobrinha, que cresce a cada vez que come a comidinha, tornando mais difícil sua movimentação dentro de um quadrado (de certa forma, à semelhança do GLTron). Nessa versão, além dos gráficos bonitinhos, existe um monte de bônus e obstáculos para ajudar ou dificultar a sua vida. Como na versão original, exige muitos reflexos e destreza para não colidir com nada. E ainda tem várias referências ao filme "A Fantástica Fábrica de Chocolate", o que vai levar à loucura os seguidores de William Wonka e seus Lumpa-Lumpa. (Em tempo: NERDS é uma marca de bala...)

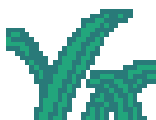
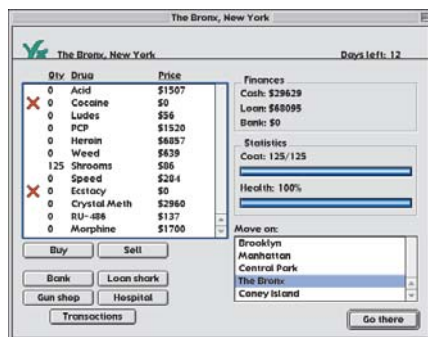
Captain Bumper

Ajude o "Capitão Parachoque" a recuperar sua carga de "bananos" (sim, *bananos,* o que quer que isso signifique), arrumar sua nave e salvar a princesa de nome estranho. Tudo isso tendo como inimigos um bando de alienígenas esquisitos (você já viu algum alienígena que não fosse esquisito?). O jogo tem cara e música infantis, mas é extremamente gozado e desafiante para qualquer idade. O desenho dos cenários e dos personagens é bem no estilo desenho animado, e tudo o que você precisa fazer é o batido "atirar em tudo que se mexe" e "tomar cuidado pra não destruírem sua navezinha". Fora isso, você precisará de muita sorte (também conhecida no mundo dos jogos como "rabo") para avançar pelas fases, cada vez mais difíceis. Na realidade, esse jogo é uma demo; a versão integral tem de ser comprada no site do fabricante. Mas a demo já é muito boa.

GLTron

Se você tem por volta de 30 anos, deve ter se emocionado quando assistiu no cinema à estréia do filme “Tron”, no começo da década de 80. Foi um dos primeiros filmes a usar computação gráfica como ferramenta para criar visuais incríveis. No filme, o herói era sugado para dentro de um jogo de fliperama e deveria fazer o possível para vencer sempre e ainda descobrir um jeito de voltar à sua vida normal. Hoje, depois de tantos anos, você pode ter no seu Mac um jogo gratuito inspirado no filme, incluindo as motinhas “mutcholôcas” reproduzidas com fidelidade absoluta. O objetivo é pilotar a sua moto por uma área quadriculada contra três oponentes e manter-se vivo por mais tempo que os outros sem bater nas paredes que todas as motos vão criando em seu rastro. O jogo é muito rápido e exigente nos reflexos. Cuidado para não ser sugado para dentro do seu Mac!

Bushfire

Não. Não é um jogo em que você tem que pôr fogo no presidente americano... Se você ainda se lembra e gosta dos jogos antigos pela sua simplicidade e pelas horas de diversão que eles ofereciam, não vai ter dificuldade em gostar desse. A fórmula é a mesma de jogos antigos como “Choplifter” e “Defender”, com uma levada ecológica: você pilota um helicóptero para apagar incêndios em uma floresta. Para isso, precisa a todo instante reabastecer seu helicóptero com água e transportar os bombeiros que ajudam a salvar as árvores. Os gráficos são muito legais e você tem um mapinha na tela que ajuda a encontrar os focos de incêndio. Se você ainda é daqueles que prefere um bom jogo simples a um desses complicadíssimos que existem hoje, baixe agora.

DopeWars

Campeão dos campeões no quesito “politicamente incorreto”, Dope Wars transforma você em nada menos que um traficante de drogas internacional. Você tem uma tabela de preços de drogas que varia de cidade para cidade; pode-se comprar barato para depois vender caro, depositar seu dinheiro em um banco, comprar armas, pedir dinheiro emprestado ou ir até o hospital para ser curado dos tiros da polícia. Volta e meia, viciados roubam suas drogas ou você acaba se dando mal de algum outro jeito. Junta mais dinheiro aquele que for mais esperto no comércio (o programa informa quando aparecem ofertas ou alta demanda de drogas). Terminado seu trabalho em um país ou em uma cidade, você pode ir para outro lugar do mundo para “negociar” mais.

Apesar de o tema do jogo ser um tanto pesado, e dos pouquíssimos gráficos, é divertido e de graça. (Como as drogas, o primeiro sempre é de graça... depois que vicia, é bem mais caro!)

X Reckless Drivin'

Mais um na linha "politicamente incorreto". Você dirige por uma estrada e ganha pontos jogando os outros carros para fora ou batendo o suficiente neles para destruí-los. Você também deve fugir da polícia, atropelar cachorrinhos e incendiar ônibus escolares. E pode utilizar recursos "sujos" como mísseis, por exemplo. Essa "aula" de civilidade já fazia sucesso nos sistemas antigos, e agora está disponível para o Mac OS X também, mas com alguns probleminhas de adaptação. De toda forma, é diversão garantida.

Pillars of Garendall

Sempre que se fala de jogos para Mac, não se pode ficar sem falar da Ambrosia, veteraníssima desenvolvedora de jogos e sharewares diversos. Dessa vez, um de seus novos títulos é um jogo no estilo *adventure* ou RPG, daqueles que você controla um personagem que deve falar com pessoas, lutar e pegar coisas para concluir seu objetivo. O enredo do jogo, como você deve imaginar, tem coisas como reis, princesas, dragões e ogros, que estão lá para atrapalhar ou ajudar. Se você gosta desse tipo de jogo, não vai se decepcionar.

X Return to Castle Wolfenstein

Renascimento da série clássica que fez sucesso ainda na época do Apple II (Castle Wolfenstein e Beyond Castle Wolfenstein) e, mais recentemente, no Mac e no PC (Wolfenstein 3D). Wolfenstein foi um dos grandes responsáveis pela popularização de jogos de tiro em primeira pessoa. O jogo está de volta em uma versão para teste no Mac OS X, com a mesma temática da Segunda Guerra Mundial, porém muito mais sofisticado e com visual matador. Nesse teste é possível apenas jogar via rede local ou conectado à Internet. No primeiro caso, a diversão e a improdutividade na firma estão garantidas. Para jogar pela Internet, a coisa é mais complicada. Você precisa ter uma boa conexão de banda larga e achar um servidor de Wolfenstein não muito distante (dica: escolha o com menor *ping*). Supridas essas necessidades, é só cair matando. Literalmente.

Onde encontrar

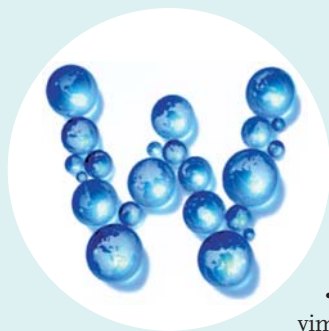
Airburst	6.8 MB	www.strangeflavour.com/airburst.html
Bushfire	11.1 MB	www.strangeflavour.com/games.html
Captain Bumper	18 MB	www.macrun.com/US/04_downloads/downloads.html
DopeWars	816 KB	www.likelysoft.com/dopewars
GLFighters	6.8 MB	www.idevgames.com/html/contest/entries.php3#GLFighters
GLTron	3.2M	www.gltron.org/download.html
Native Assault	3.2 MB	www.AdrenalineEnt.com/downloads.html
NERDS Rope	2.6 MB	www.wonka.com/InventionRoom/dwnld_nerdsrope.html
Pillars of Garendall	29 MB	www.AmbrosiaSW.com/games/pog
Reckless Drivin'	5.5 MB	http://reckless.x2.nu
Return to Castle Wolfenstein	10.5 MB	www.macupdate.com

A grande decepção é ver que o MacOS X, embora seja bastante poderoso em recursos, ainda não tem jogos à sua altura. Tudo o que você pode encontrar são versões adaptadas de jogos antigos ou coisas novas ainda sem acabamento. Mas felizmente parece que a indústria de jogos aos poucos vai se tocando da necessidade de desenvolver novidades para o X, e aos poucos vão aparecendo sinais de que um dia teremos uma safra de jogos muito legais para acompanhar os novos tempos da Apple. Enquanto isso, divirta-se nos sistemas mais antigos, pois ainda tem muita coisa legal por lá.

DOUGLAS FERNANDES douglasf@mac.com
Ainda acha que os jogos de antigamente eram mais legais.

MacPRO
o suplemento dos power users
Ano 4 - Nº 37
Parte integrante da revista Macmania
Não pode ser vendido separadamente

Quem tem medo do WebObjects?

Você já deve ter ouvido o famoso termo "cabeça de bacalhau". O WebObjects é um bom exemplo dessa expressão: uma daquelas tecnologias sobre as quais muita gente já ouviu falar, mas poucos efetivamente viram funcionando ou sabem exatamente dizer do que se trata. O objetivo deste artigo é oferecer uma visão geral da tecnologia WebObjects e como ela pode ser aplicada na vida prática de quem hoje precisa de um ambiente de primeira classe para a criação de soluções de comércio eletrônico.

por Tiago Ribeiro e Fabio Ribeiro

Resumidamente, o WebObjects é três coisas ao mesmo tempo:

•Um ambiente para desenvolvimento visual de aplicativos para a Web e Internet.

•Um *framework,* ou seja, um pacote de funções pré-escritas que facilita o desenvolvimento de aplicações, baseado em padrões como JDBC, XML, RMI e outras tecnologias.

•Um servidor de aplicações Web multiplataforma.

Para entender a importância de um produto como o WebObjects, é importante, antes de mais nada, entendermos quais tipos de problemas um servidor de aplicações visa resolver.

Em seus primórdios, a World Wide Web (WWW ou, no popular, Web) permitia única e exclusivamente a distribuição de documentos HTML *estáticos;* ou seja, a informação contida em uma página HTML era sempre a mesma, independentemente do usuário que a estivesse visitando.

No momento em que a Web passou a ser vista como uma porta de entrada para toda uma série de serviços – entre eles o de comércio eletrônico, aplicações cliente/servidor e *home banking* –, surgiu a necessidade de integração entre o **servidor de Web** (o software responsável por fazer a distribuição dos documentos HTML) e um **servidor de bancos de dados** (o software responsável por armazenar informações vitais, como o cadastro de clientes, produtos, ordens de serviço etc.). Para isso, passou a ser introduzido dentro do servidor de Web um software específico (conhecido como **CGI** ou *Common Gateway Interface),* normalmente escrito nas linguagens C ou Perl. Esse software tem como função principal receber as solicitações enviadas pelo usuário que estiver usando o navegador (normalmente, via um comando POST) e processá-las da forma mais adequada (redirecionar a solicitação sob a forma de um email, fazer uma consulta a um banco de dados etc.). Além disso, esse software também pode, a partir das informações obtidas, gerar um documento HTML específico para o usuário que estiver acessando a página em questão.

Páginas dinâmicas: o que acontece por trás daquele clique

1 Um cliente navegando em uma loja de CDs na Internet deseja encontrar todos os CDs da sua banda favorita; para isso, ele digita o nome da banda em um campo de formulário e clica no botão "Enviar".

2 Um script CGI alojado no próprio servidor Web recebe a solicitação de busca e a informação a ser procurada (no caso, o nome da banda). O script abre uma conexão com o servidor de bancos de dados responsável pelo cadastro das informações do site e executa uma busca nele, usando como parâmetro o nome da banda que foi enviado pelo usuário.

WebObjects continuação

3 O resultado da busca é retornado pelo servidor de bancos de dados para o script CGI, e este usa os dados obtidos para construir, em tempo real, um documento HTML personalizado para o usuário.
4 Finalmente, o servidor Web envia para o usuário a página em HTML que foi gerada pelo script CGI.
Simples, não?

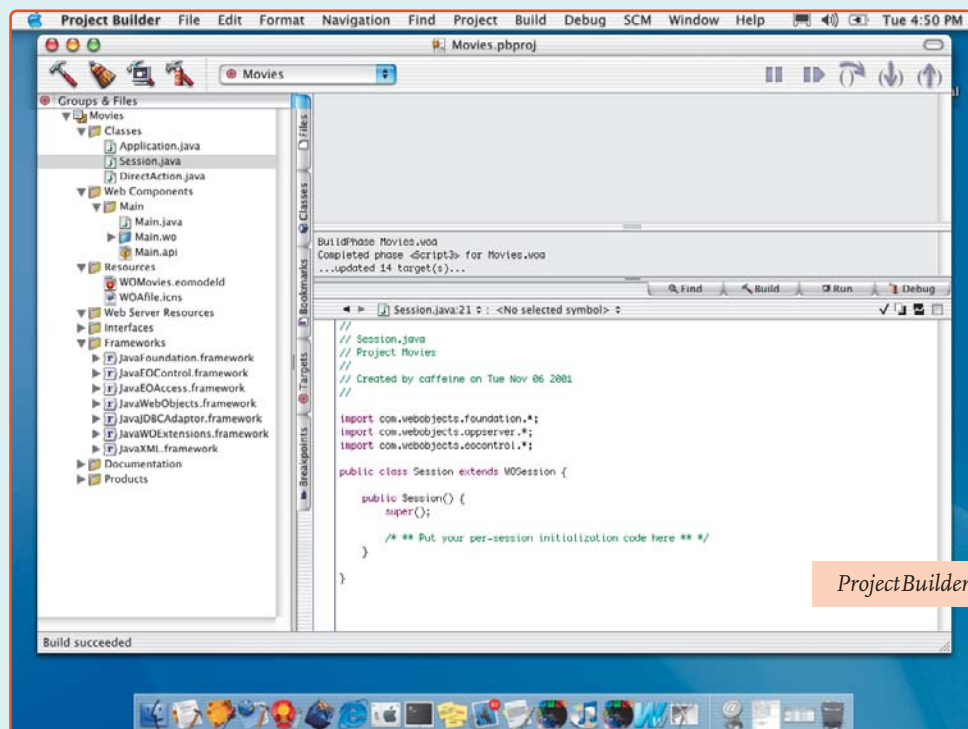
A mecânica descrita acima funciona muito bem em casos simples, nos quais as aplicações não sejam complexas, o volume de transações efetuado não seja crítico e não exista um horizonte de crescimento muito grande para o site ou solução em questão.
Os problemas começam a aparecer exatamente no momento em que uma dessas variáveis se altera: no momento em que a sua aplicação ou o seu site começam a crescer.
Outro problema: uma solução deste nível não nos permite pensar em recursos mais avançados, como por exemplo:
• Capacidade de rodar múltiplas cópias de uma mesma aplicação para permitir o atendimento de um número maior de clientes.
• Gerenciamento automático de carga entre aplicações (no qual o número de conexões de clientes é dividido entre as aplicações existentes, de acordo com o tempo de execução).
• Recuperação automática do servidor em caso de falha.
• *Clustering* (divisão do processamento entre múltiplas CPUs conectadas em rede).
Para suprir essa demanda surge o **Servidor de Aplicações**, um software responsável única e exclusivamente pelo gerenciamento e execução das aplicações Web.
Hoje, existem diversos padrões no mercado para o desenvolvimento de aplicações corporativas desse nível.
Entre eles estão:
•**J2EE** (Java2, Enterprise Edition), tecnologia desenvolvida pela Sun e parceiros.
• **.NET** *("dot-NET")*, desenvolvida pela Microsoft.
•**WebObjects/EOF**, desenvolvidos pela Apple.
Cada um desses padrões se propõe a solucionar os problemas descritos anteriormente de formas diferentes. Por exemplo, a solução da Microsoft se utiliza de soluções totalmente proprietárias, incluindo aí a linguagem de programação preferencial para o desenvolvimento de aplicações, **C#** *("C-Sharp")*. Já as soluções da Sun e da Apple estão construídas no topo de uma tecnologia aberta, a **J2SE** (Java2, Standard Edition). Ambas trabalham com a linguagem Java como linguagem padrão para a criação das aplicações.

A maior vantagem do WebObjects são suas ferramentas de desenvolvimento visuais

O que torna o produto da Apple diferente dos concorrentes é o fato de ele possuir incorporado um conjunto de ferramentas visuais para o desenvolvimento rápido de aplicações e sua integração com bancos de dados. Graças a isso, boa parte do código – que geralmente deve ser escrito pelo desenvolvedor numa solução J2EE para acesso a funcionalidades específicas, como bancos de dados – é totalmente abstraída do desenvolvedor WebObjects, através de um conjunto de *frameworks* já incorporados no pacote, entre eles o **EOF** (Enterprise Objects Framework), para integração com bancos de dados.
Conforme já tínhamos falado, um *framework* é um conjunto de funções pré-escritas e que são de uso frequente do desenvolvedor (por exemplo, funções para controle de sessões, acesso a bancos de dados, transações etc.). No Web-

Objects, esses *frameworks* estão integrados às ferramentas de desenvolvimento de tal forma que é possível para um desenvolvedor criar uma aplicação Web completa sem a necessidade de escrever uma única linha de código! Estes recursos reduzem de forma drástica o tempo gasto com a codificação e a manutenção do código já escrito, acelerando desse modo o ciclo de desenvolvimento de projetos e permitindo que mesmo alterações substanciais possam ser feitas sem a necessidade de se reescrever a aplicação por completo.

O que vem dentro da caixa

Antes de mais nada, é importante destacar que o WebObjects é oferecido para o usuário sob duas formas distintas: uma delas através do Mac OS X Server (sistema operacional da Apple baseado no Mac OS X e destinado para serviços de arquivos, impressão, redes, Internet e gerenciamento de grupos de trabalho); a outra, de forma separada. No primeiro caso, o que o usuário recebe é apenas o servidor de aplicações – o Mac OS X Server não contém as ferramentas para o desenvolvimento de aplicações com o WebObjects. Já quem compra a caixa do WebObjects recebe o pacote completo (a licença/ferramentas para desenvolvimento de aplicações e uma licença ilimitada do servidor de aplicações). Neste caso, o usuário tem a opção de instalar o pacote de desenvolvimento em um dos seguintes sistemas operacionais: Mac OS X, Mac OS X Server e Windows 2000. Da mesma forma, poderá instalar o servidor de aplicações em qualquer sistema operacional compatível com a especificação J2SE (a Apple certificou, até o momento, o Mac OS X, Mac OS X Server, Windows 2000 e Solaris/SPARC).

ProjectBuilder

Desenvolvimento

As seguintes ferramentas de desenvolvimento acompanham o WebObjects:

Project Builder

Similar ao Project Builder do CD de ferramentas de desenvolvimento que vem na caixa do Mac OS X, porém desenvolvido para trabalhar também com aplicações WebObjects. Este software é responsável pelo gerenciamento dos componentes de suas aplicações: códigos-fonte, imagens, modelos de bancos de dados, arquivos HTML dinâmicos etc. Além disso, é com ele que você irá compilar (construir) e testar a sua aplicação, com o auxílio de um depurador (software que serve para detectar falhas durante a execução do aplicativo).

EOModeler

Software responsável pela integração entre os componentes de sua aplicação e o servidor de bancos de dados.

WebObjects Builder

Editor HTML integrado ao WebObjects; permite criar documentos HTML dinâmicos que sirvam como interface para a sua aplicação Web.

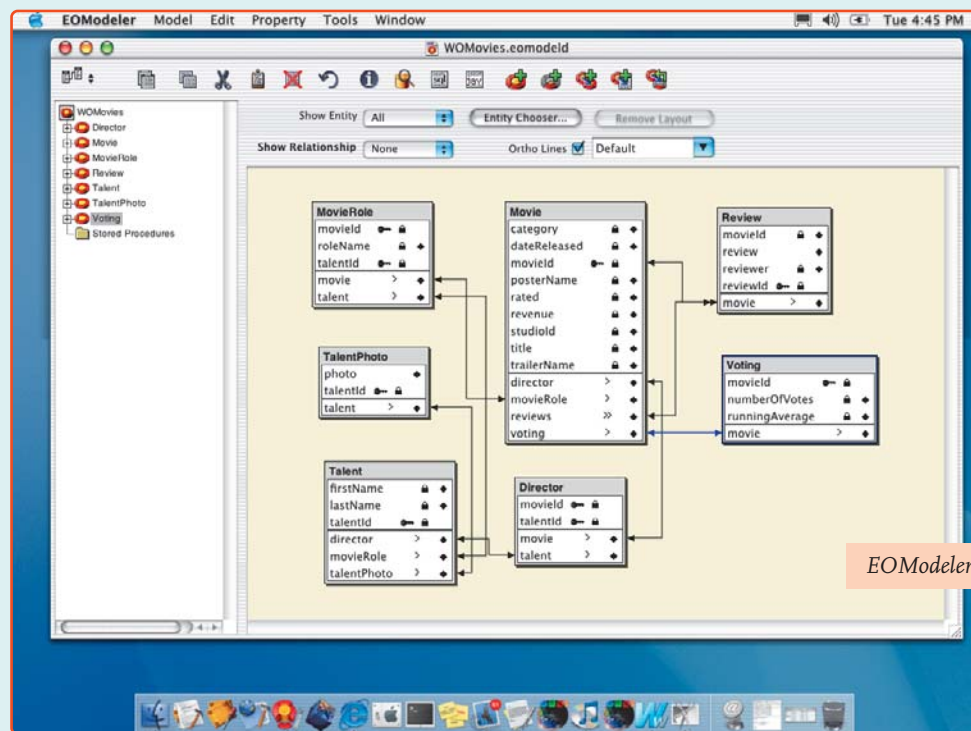
Distribuição

Lógica de desenvolvimento

O desenvolvimento típico de uma aplicação para a Web com o WebObjects passa pelos seguintes passos:

1 Modelagem dos componentes de sua aplicação com o EOModeler.
2 Criação do projeto de sua aplicação com o Project Builder.
3 Criação da interface de suas aplicações com o WebObjects Builder.
4 Codificação, construção da aplicação e testes.
5 Distribuição.

EOModeler

ProNotas

Ferramentas de desenvolvimento para OS X

Já está na rua o CD Developer Tools 10.1

Está na hora de os desenvolvedores porem as mãos no CD com as ferramentas de desenvolvimento do novo Mac OS X 10.1, que foi lançando no final de setembro. A Apple colocou no ar o novo **Mac OS version 10.1 Developer Tools.** Para baixar o programa é preciso ir ao site do Apple Developer Connect (ADC) e digitar a senha. Caso você não tenha ainda uma conta no ADC, não se preocupe: o cadastro é gratuito, bastando preencher um breve formulário. Para instalar as ferramentas, baixe do site a imagem de disco (.dmg) do CD Developer Tools 10.1. Esse arquivo (de 187,1 MB) contém o instalador das ferramentas. É preciso ter o Mac OS X 10.1 instalado.

Apple Developer Connect Web: http://connect.apple.com

CodeWarrior para Mac OS X

Compilador da Metrowerks promete converter software para rodar nativo no OS X

A Metrowerks lançou a nova versão do seu programa de desenvolvimento, o **CodeWarrior 7.0.** Segundo a Metrowerks, com o novo CodeWarrior é possivel desenvolver aplicativos para o Mac OS clássico, "carbonizados", Cocoa e Java. A versão 7.0 inclui também um conversor que transforma automaticamente projetos "carbonizados" em Mach-0, que rodam nativos no Mac OS X. Outras novidades: desenvolvimento multiplataforma (também para Windows), um *framework* C++ de aplicativos orientado a objeto e uma versão "carbonizada" do Ambiente de Desenvolvimento Integrado (IDE, em inglês). O CodeWarrior 7.0 custa US$ 599 nos EUA. Usuários registrados da versão anterior fazem o upgrade por US$ 299.

Metrowerks: www.metrowerks.com

Instale programas de Unix sem mexer no Terminal

Open OS X portou uma porção de programas

Com a chegada do Mac OS X, uma nova fronteira foi aberta aos macmaníacos: a possibilidade de utilizar programas desenvolvidos para Unix. Como o uso da linha de comando ainda assusta muita gente, algumas empresas já começaram a portar seus softwares para rodarem bonitos na interface Aqua.

A **Open OS X** disponibiliza programas conhecidos da plataforma Unix para o Mac OS X, com instaladores que não requerem comandos complicados. Entre os programas oferecidos estão o GIMP (editor de imagem Open Source, similar ao Photoshop), MySQL (banco de dados) e X-Window (interface gráfica). A Open OS X usa um sistema de pacotes similar ao do Installer do Mac OS X, evitando assim contatos indesejados de macmaníacos com a linha de comando e facilitando a instalação.

Os pacotes da Open OS X são vendidos em CD por US$ 30, apesar de os programas originais serem open source, mas para aqueles que não têm interesse em mexer no Terminal para instalar um aplicativo, o investimento pode ser interessante.

Open OS X: www.openosx.com

WebObjects continuação

Nós nos aprofundaremos mais em cada uma dessas etapas do desenvolvimento de aplicações nos nossos próximos artigos sobre WebObjects. Aguarde! **M**

TIAGO RIBEIRO tiago.r@apple.com.br
FABIO RIBEIRO fabio.g@apple.com.br
Trabalham no Apple Developer Connection (ADC) da Apple Brasil.

Fique ligado

•**CGI** – *Common Gateway Interface.* Software de servidor que provê a serviços de informação (como bancos de dados) a capacidade de gerar páginas Web dinamicamente para o visitante do site.
•**EJB** – *Enterprise Java Beans.* Componentes de software em Java para criação de aplicações cliente-servidor baseadas em servidores de aplicações Java2EE.
•**EOF** – *Enterprise Objects Framework.* Desenvolvido pela Apple para facilitar a integração entre aplicações Web e servidores de bancos de dados. Atualmente, a tecnologia é construída no topo de outra tecnologia de acesso a bancos de dados, denominada JDBC.
•**EOModeler** – Ferramenta do pacote do WebObjects destinada à integração entre a aplicação Web e o servidor de bancos de dados.
•**HTML** – *HyperText Markup Language.* Formato de arquivo padrão de documentos de páginas para a World Wide Web.
•**J2EE** – *Java2, Enterprise Edition.* Especificação da Sun para o desenvolvimento de aplicações para o mercado corporativo. Construída sobre a especificação J2SE, inclui tecnologias como JSP (Java Server Pages), EJB (Enterprise Java Beans), JNDI (Java Naming and Directory Interface), JTA (Java Transaction API), JMS (Java Messaging Service) e outras.
•**J2SE** – *Java2, Standard Edition.* Especificação da Sun que inclui as funcionalidades básicas da plataforma Java, entre elas JFC (Java Foundation Classes), AWT (Abstract Windowing Toolkit) e outras. A versão incorporada ao Mac OS X 10.1 é a 1.3.1.
•**Java** – Linguagem de programação orientada a objeto, desenvolvida pela Sun Microsystems e adotada por mais de 400 empresas fabricantes de hardware e software; hoje, é utilizada por mais de 2,5 milhões de programadores em todo o mundo.
•**JDBC** – *Java Database Connectivity.* Tecnologia Java para conectividade com bases de dados.
•**MVC** – *Model-View-Controller.* Paradigma de programação que envolve a separação entre componentes da aplicação responsáveis pela sua representação lógica *(Model),* a interface de visualização de informações (View) e os componentes de controle (Controller).
•**OOP** – *Object-Oriented Programming* (Programação Orientada a Objeto).
•**RDBMS** – *Relational DataBase Management Server* (Servidor de Bancos de Dados Relacional).
•**RMI** – *Remote Method Invocation.* Tecnologia Java para comunicação entre aplicações cliente-servidor *three-tiered.*
•**Servidor de aplicações** – Software responsável pela execução de aplicações.
•**SQL** – *Structured Query Language.* Linguagem de programação utilizada para execução de buscas dentro de bancos de dados. Utilizada pela grande maioria dos servidores de bancos de dados disponíveis no mercado.
•**WebObjects Builder** – Ferramenta do pacote do WebObjects destinada à construção de documentos HTML dinâmicos; similar aos editores HTML disponíveis comercialmente, porém otimizado para o WebObjects.
•**XML** – *Extended Markup Language.* Formato de arquivo muito utilizado para armazenamento, conversão (em conjunto com um DTD) e troca de informações. É um dos formatos utilizados para troca de informações entre o que se denomina *Web Services.*

Para saber mais

Onde aprender

DRC Consulting
(011) 3168 2123 www.drc.com.br
A-HAND (Unicamp)
www.ahand.unicamp.br
UVA (Universidade Veiga de Almeida)
www.uva.br

Alguns desenvolvedores WebObjects no Brasil

Web Soluções (11) 3168-3114 www.websolucoes.com.br
Progonos (0800) 770-1915 www.progonos.com
Zenza (11) 3168-9333 www.zenza.com.br

Alguns sites e produtos feitos com WebObjects

Adobe http://store.adobe.com
Americanas.com http://www.americanas.com.br
ATT Wireless http://ecare.attws.com/dss/gateway/new-99/1/shep-ocs
Deutsche Bank http://group.deutsche-bank.de
FlightArrivals www.flightarrivals.com
MCI http://www.mci.com/cgi-bin/WebObjects/oam.woa
PowerSchool http://www.powerschool.com
Tok&Stok http://www.tokstok.com.br
Toyota Canada www.toyota.ca
Warner Chappell www.warnerchappell.com

Metendo a mão no Unix

Parte 4: configurando o bash

por Alberto V. Mendonça

bash (abreviação de *The GNU Bourne Again Shell*) é um ambiente (*shell*) para a linha de comando. É mais antigo e mais refinado que o tcsh, o *shell* padrão do Mac OS X, e é o mais usado no Linux e outras variações de Unix. A instalação do bash requer um conhecimento básico de utilização da linha de comando.

Passo 1

Faça o download do arquivo de instalação do bash para Mac OS X, a partir de http://homepage.mac.com/aquavitae/apps/Bash.dmg.gz
Esse pacote já contém o programa compilado, isto é, pronto para rodar. O arquivo é baixado, automaticamente descomprimido pelo StuffIt Expander e montado pelo Disk Copy como uma imagem de disco no Desktop.

Passo 2

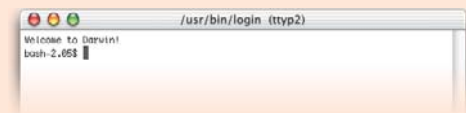
1 Duplo-clique o arquivo Bash.pkg dentro da imagem de disco para abrir o instalador e dê OK nas telas. (O instalador põe os arquivos no diretório oculto /usr/local.)

2 Abra o Terminal e obtenha acesso *root* com o comando su (entre a senha de *root* quando requisitada – ela deverá ter sido previamente habilitada pelo NetInfo Manager):

3 Como *root,* dê este comando:

```
ln -s /usr/local/bash/bin/bash /bin/bash
```

Isso cria um *link* (*alias* do Unix) do bash no diretório /bin, onde já residem outros programas de linha de comando.

4 Saia da conta *root* digitando exit e acesse o *shell* bash digitando, simplesmente, bash.

O bash abre dentro do outro *shell* que você já estava rodando no Terminal (no caso, o tcsh). Dando exit, você volta ao *shell* inicial.

5 Mude o *shell* padrão para sempre entrar direto no bash. Há dois métodos:
Opção 1 - Use o NetInfo Manager (/Applications/Utilities/NetInfo Manager). Abra o programa e clique no cadeado no pé da janela para a autenticação (pode usar a sua conta de usuário normal). Na coluna central, clique em users; selecione o usuário para o qual a alteração do *shell* padrão terá efeito. Vá até o campo Shell, troque /bin/tcsh por /bin/bash e dê Enter. Saia do programa, confirmando a modificação.

Opção 2 – Mude o *shell* padrão através do Terminal. Abra Preferences, aba Shell. Assinale a opção “Use this shell” e preencha com /bin/bash em lugar de /bin/tcsh.

6 Com o usuário certo, abra uma nova janela do Terminal para verificar se o bash é realmente o novo *shell* padrão, ou seja, se uma nova janela abre direto no bash.

Como adicionar atalhos ao seu bash

1 Vá para o seu diretório Home:

```
cd ~
```

2 Se você não estiver utilizando o bash como seu *shell* padrão, faça isso com o .bashrc. Ou, se você executou os passos anteriores, faça isso com .bash_profile.

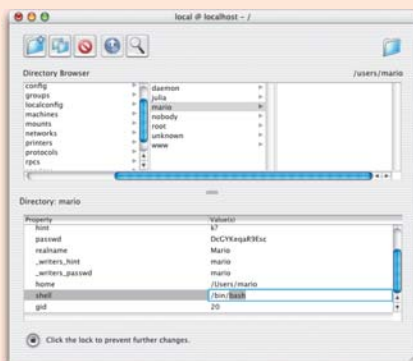
```
touch .bashrc
```

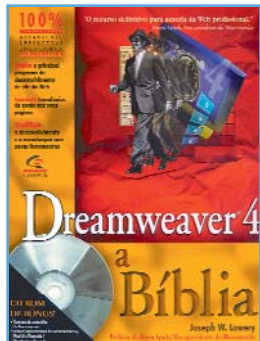
3 Abra o .bashrc em um editor de texto:

```
vi .bashrc
```

4 Adicione o seguinte:

```
if [ "$PS1" ]; then
# ativar suporte a cores nas listas de diretorios
#e ' val 'dircolors'
#alias ls='ls --color=auto
# aliases interessantes para experimentar
#alias ll='ls -l'
#alias la='ls -A'
#alias l='ls -CF'
alias dir='ls'
#alias vdir='ls --color=auto --format=long'
# prompt personalizado
PS1='\u@\h [\w]\$ '
fi
```

Para salvar, dê Esc seguido de :wEnter, e para sair do programa, :qEnter. (Se o vi lhe parece muito alienígena, use o pico, que mostra menus de comandos no pé da tela.) Para experimentar as várias opções incluídas, é só tirar e colocar o sinal de grade # no começo das linhas. As linhas começadas por esse sinal são ignoradas pelo sistema. M

Dreamweaver 4: A Bíblia

Joseph Lowery

A editora Campus lançou mais um livro da série "A Bíblia" – obras de referência tanto para usuários novatos quanto experientes. Agora é a vez do Dreamweaver 4, um dos mais importantes editores visuais de HTML. Junto com o livro vem um CD didático. Segundo o autor, a leitura completa do manual transforma um iniciante em um profissional. Além do Dreamweaver, a série "A Bíblia" também tem manuais sobre Fireworks 4, Flash 5, JavaScript, Photoshop 6, Illustrator 9 e PHP 4. Vem com CD-ROM, infelizmente só para PC.

R$ 165
968 páginas
Editora Campus:
www.campus.com.br

DHTML e CSS para a WWW

Jason Cranford Teague

O Dynamic HTML (DHTML) e as Cascading Style Sheets (CSS) são destrinchadas em um manual bem detalhado e visual, indicado para gente com bons conhecimentos de HTML. DHTML e CSS são linguagens de programação utilizadas para ampliar os recursos gráficos de sites. O livro é bom, bem claro (chega até a ser repetitivo em certos pontos) e a tradução usa umas expressões engraçadas, como "cores à prova de browser" quando se refere a cores protegidas *(Web safe)*.

R$ 79
616 páginas
Editora Campus:
www.campus.com.br

A Segunda Vinda de Steve Jobs

Alan Deutschman dá tratamento de astro do cinema a celebridade geek

Esse livro não pretende ser uma biografia no sentido estrito do termo, pois não tenta seguir cada passo da vida de Steve desde o começo. A narrativa começa com a expulsão de Steve da Apple em 1985. Se você quiser saber em detalhe como a empresa foi fundada e como o Macintosh foi inventado, terá que recorrer a *"West of Eden"*, de Frank Rose, ou *"Odisséia"*, de John Sculley. Se quiser saber como e porque a Apple sofreu aquela decadência no período sem Jobs, deve ler *"Apple: The Inside Story of Intrigue, Egomania and Business Blunders"*, de Jim Carlton. Como assim? Para que serve *este* livro, afinal? Bom, é que não se deve tirar de perspectiva que ele é oportunista; foi escrito de encomenda para aproveitar a nova onda de popularidade de Steve. Por isso mesmo, tem mais jeito de história de um ator de cinema do que de um deus vivo da informática. Além disso, foi escrito por alguém perigosamente leigo. As poucas informações técnicas foram acochambradas a ponto de se dizer, por exemplo, que na Macworld de janeiro de 1999 Jobs lançou o iMac em quatro novas cores (eram cinco!) e com um fecho novo para fácil acesso ao interior (isso só foi no final do ano!). Um vexame de imprecisão e de falta de checagem, em se tratando de um *bestseller* garantido.

É por isso que não se pode dar crédito irrestrito aos depoimentos de pessoas conhecidas de Jobs que compõem a base do texto (obviamente, o próprio Steve recusou-se a dar entrevista).

Mas mesmo com esses obstáculos, é divertido e esclarecedor saber de coisas como, por exemplo, o conturbado relacionamento de Steve com sua irmã biológica, a escritora Mona Simpson (isso mesmo: se Steve não tivesse sido adotado, ele se chamaria *Simpson* – e, ainda por cima, Mona é casada com um dos produtores de "Os Simpsons"). O autor, embora em muitos momentos sucumba ao carisma de Steve, procura conscientemente resguardar-se do seu poder sedutor e não esquecer os seus defeitos. Para evitar confusão, ele separa a personalidade de Steve em duas áreas distintas, o "bom Steve" e o "mau Steve", à semelhança de Dr. Jekyll e Mr. Hyde.

A capa da edição nacional é deplorável

O interessante dessa abordagem é que fica meio provado que as empresas de Steve nunca vão muito bem quando ele está numa fase predominantemente "boazinha": ele dava total conforto e liberdade aos funcionários da NeXT e da Pixar e as duas passaram anos no vermelho. Por outro lado, quando ele vira o "mau Steve" – irascível, intragável, impaciente, irreverente, irreal, imoral – é que as verdadeiras jóias de sua criação tomam forma; primeiro, no golpe interno que ele deu para tomar a liderança de fato da Pixar, pouco antes de "Toy Story" ficar pronto, o que rendeu o contrato com a Disney; e depois, quando ele deu outro golpe para voltar a comandar a Apple – com os resultados notáveis que conhecemos.

A conclusão é a que todo macmaníaco já sabe desde sempre: por bem ou por mal, nossa vida seria bem mais pobre sem a intervenção *pessoal* dele.

R$ 30
360 páginas
Editora Globo:
www.editoraglobo.com.br

MARIO AV

O Rato e o Mac

Nova coleção de CD-ROMs da Disney é pedagogicamente correta

Antigamente, o processo de aprendizado consistia apenas na cartilha com as letras e algarismos, o caderno de caligrafia, canetas e lápis de cor. Hoje em dia, essas ferramentas de ensino podem ser substituídas pelo computador – ou melhor, pelo Macintosh e sua interface amigável. Porém, o difícil é achar programas adequados à curiosidade e inteligência dos macmaníacos mirins e, mais complicado ainda, encontrar um em português.

Mas chegou ao Brasil uma boa opção para a criançada: a Positivo lançou uma coleção de CD-ROMs da Disney Interactive que prometem ser bons aliados da turminha, desde os primeiros passos até o início da alfabetização, no primário. São três títulos, cada um deles indicado para uma fase da criança: Primeiros Passos, Maternal e Jardim. A leitura do manual, obrigatória para os pais, mostra quais habilidades são ensinadas em cada uma das atividades, e também todos os ambientes virtuais de aprendizado, indicando para os adultos o que os pequenos irão aprender. Um luxo pedagógico incomum em produções infantis, mais preocupadas em vender brinquedos e bonequinhos de personagens.
Os CDs são totalmente dublados em português, com as vozes oficiais dos personagens Disney na TV. Só fica difícil saber quem vai se divertir mais, pais ou filhos...

Cada um dos personagens tem função pedagógica politicamente correta

Os primeiros cliques

O **Mickey Primeiros Passos** é para crianças de 18 meses a três anos de idade. Como nesta fase elas ainda não têm coordenação motora para clicar em objetos com o mouse, todas as brincadeiras acontecem apenas com o passar do cursor sobre alguma coisa. Por exemplo, na casa do Mickey é preciso encontrar as letras do alfabeto escondidas (que, para nós adultos, não estão tão escondidas assim). Passando o mouse sobre o esconderijo, a letra sai e o Mickey diz o nome dela, muitas vezes fazendo associações com palavras que começam com aquela letra.
Já na casa do Pateta, as cores são o grande atrativo. Pintar as paredes, trocar o telhado e até cortar um arbusto são as atividades para os pequenos, desenvolvendo na criança o sentido de causa e efeito. Os outros personagens nesse CD são Pluto (aprendendo números), Minie (formas geométricas) e o preguiçoso Donald (que dorme enquanto a criança brinca de descobrir os sons). As animações, geradas em Director e QuickTime, são excelentes, muito melhores que muito desenho que passa na TV hoje em dia. Como se não bastasse, o CD traz arquivos que podem ser impressos para desenvolver habilidades manuais, como pintura e desenho. Afinal, não é preciso ficar na frente do computador o tempo todo...
Para os maiorzinhos (de dois a quatro anos), o CD **Maternal** traz outras brincadeiras interessantes. É colocado o conceito de que a criança está participando de um jogo, e ele pode ser personalizado para cada uma das crianças que usam o computador (os pais precisam digitar o nome de cada uma no início da partida). A partir deste CD, os cliques são necessários, mas o nível de dificuldade ainda é pequeno. O ambiente de aprendizado é um posto de gasolina e as atividades mais legais são a Garagem do Pateta, onde a criança monta e pinta carros, desenvolvendo a criatividade, e o jogo de latas dos sobrinhos do Donald: usando uma mangueira, derruba-se latas com números, letras, formas e cores.

Mire e acerte o número correto: coordenação motora e diversão

CD-ROMS DA DISNEY

Quem faz: www.positivadireta.com.br
11-316-7711

Preço: R$ 49,90 cada

Pró: Variados; bem pensados e visualmente atraentes

Contra: Os adultos vão querer jogar no lugar das crianças

Solta um carango incrementado rapidinho, seu Pateta!

Crescendo e aprendendo

Ao chegar ao CD **Jardim**, ideal para crianças de quatro a seis anos, os baixinhos aprendem noções mais concretas sobre letras e números. Aqui, Mickey é um repórter que procura matérias para o jornal. Várias habilidades são testadas: ordem numérica e alfabética, formação de frases e palavras, seguir instruções etc. O acompanhamento de fundo de jazz traz um clima mais "adulto" para as brincadeiras; tudo acontece à noite. Destaques para a Loja de Desenhos em Neon e o Jornal, onde a criança pode navegar pelo computador do Mickey como se fosse na Internet, vendo as matérias que ele "fez" durante a brincadeira.

Além de serem desenvolvidos para atender às necessidades educativas de cada faixa etária, os CDs da Disney Interactive também se adaptam ao uso de cada criança. Um exemplo: se ela ainda não consegue navegar com o mouse para achar as letras, elas aparecerão depois de algum tempo, mesmo sem a intervenção direta da criança. Com o desenvolvimento natural, ela, aos poucos, vai pegando os macetes do programa e vai se adaptando ao nível de dificuldade apresentado, sem perceber que está aprendendo.

A coleção da Disney consegue atingir seu objetivo básico, que é ensinar divertindo. A criança é estimulada pelas aventuras e animações a descobrir e a desenvolver suas habilidades de uma maneira lúdica, mas também didática, com a vantagem de poder interagir com os personagens. É bem diferente do "A de abelha, B de barriga" de tempos atrás. Bem, agora, que tal largar esse mouse e deixar seu filho brincar de aprender um pouco, hein? M

SÉRGIO MIRANDA

Colaborou **Henrique de Souza Miranda**

Escolha o número, acerte as horas e ajude o Pateta a formar frases

Chutando o balde

Eu não comemorei a chegada do PowerBook Titanium. Não gostei do novo iBook. Me decepcionei com o último G4. Apesar de tais opiniões, sou um dos mais empolgados evangelistas da Apple. Talvez por isso eu me preocupe tanto com os erros e acertos da equipe que desenvolve os produtos lá em Cupertino.

Meu primeiro Mac foi um SE, cujo chassi é muito semelhante ao do Macintosh original. Extremamente compacto, monobloco, simples. Não é a toa que está exposto no MoMA, o mais cabuloso museu americano da arte moderna. Mas, tão logo entrei para essa turma, a coisa mudou. Durante anos vi a Apple se perder na corrida contra os PCs feiosos. Para poder competir, a empresa foi obrigada a cada vez mais fazer suas máquinas com os componentes existentes no mercado. Então, o que vimos foi uma sucessão de caixotes acinzentados ao lado de monitores cúbicos, igualmente cinzas, igualmente feios. O fundo do poço foi o Performa 4400, que além do plástico vagabundo e do design sem imaginação, tinha por dentro aquela macarronada de fios que caracteriza os PCs marca barbante.

Mas, um belo dia, foi lançado o iMac. Com desenho arredondado e soluções engenhosas para fazer tudo caber em tão pouco espaço. Em muitas cores, lançadas como coleções de moda. Com foco no consumidor que ainda não tem um computador, mas sabe que quer acessar a Internet. Tudo isso fez a Apple ficar, mais uma vez, a anos-luz da concorrência.

Na sequência veio o iBook e os meus olhos brilharam novamente. Novas cores decretavam o fim do visual "pretinho Chanel". Uma borda emborrachada garantia resistência extra; perfeito para ser jogado na mochila. Uma alça resolvia o velho problema de transportar algo com o tamanho de um caderno mas pesado como um tijolo. Um sistema inédito abria e fechava a tela sem apertar botões ou destravar alavancas. Simples como um livro. Bordas suaves com um botão de clique integrado sem cantos vivos permitiam repousar a mão confortavelmente sobre o computador por horas. Uma fonte redonda feita com fios mais finos transformava o cabo de força em um ioiô.

Mas então a Apple lançou o Power Mac G4 que, diferente do colorido G3 azul, era cinza. Na sequência lançou um novo iMac, agora na cor cinza. Depois lançou o novo iBook e adivinhe em que cor? Exatamente, cinza. E então, uma surpresa: o Cubo. A nova máquina chutou de vez um monte de idéias para escanteio e não é à toa que não se chamou iCube. No visual que combinava acrílico e aço, a linha curva deu lugar à reta, numa tentativa de parecer sério. A colocação dos conectores no fundo do Cubo obrigava todos os cabos a ficarem eternamente dobrados, e o cabo do monitor simplesmente não encaixava sem o uso de um adaptador.

Os iMacs influenciaram o design desde impressoras e celulares até acessórios de limpeza

Alguns meses depois veio o PowerBook Titanium. O impacto foi grande, muitos amaram, mas eu odiei. Aquele visual dizia claramente: "isto não é para você". O chip G4 e a tela gigante eram uma tentação. Mas logo descobriu-se que ele arranhava fácil, comprometendo definitivamente o visual classudo. As arestas voltavam a incomodar ao se deixar as mãos apoiadas. O titânio mostrou ser um excelente condutor de calor, permitindo que o chip fritasse a perna dos usuários incautos. Mas o que mais me irritou foi a volta da alavanquinha que prende a tampa, ou seja, mais peças móveis para quebrar e botões para apertar. Trancaram a capa do livro.

O golpe de misericórdia veio com o novo iBook. Escaldados pelo titânio, voltaram ao plástico. Mas não o plástico fosco e resistente dos velhos iBooks, mas um tipo branco e brilhante. "É pra variar", diziam uns, me consolando da decepção com a cor hospitalar. "É pra ficar mais compacto", diziam outros, para justificar as implacáveis linhas retas. Mas eu só tinha ouvidos para a tela, que rangia ao ser aberta. Preocupava-me o fato de o plug de força ser menos robusto e perder a capacidade de indicar o nível da bateria através de luzes internas. O fim da alça transformava o portátil num imenso sabonete. O acabamento era uma piada e, graças a ele, a suscetibilidade aos riscos na tampa foi às alturas. O desenho, consolidando a volta da estética caixote, era monótono.

Enfim: um sucessor com cara de antecessor. Queimar CDs num portátil é muito legal, ser pequeno e leve é ótimo, ter uma cacetada de portas é demais, ter saída para monitor é uma mão na roda, mas não precisavam aprisionar tanta tecnologia legal num visual reacionário.

O iMac original não era perfeito: seu mouse redondo não dava a dica de para onde ele estava apontado. O iBook original também tinha os seus defeitos. Por exemplo, a introdução da semi-inútil tecla Function no canto inferior esquerdo do teclado, onde antes ficava a tecla Control, é um estorvo. O exótico "Plug do Mickey" tornou a fonte ioiô incompatível com todos os cabos de força produzidos até então.

Esses produtos continham avanços que foram abandonados e precisam voltar. Janeiro está chegando e, mais uma vez, é hora do show. Novas máquinas serão apresentadas e tudo pode acontecer, pois a Apple sempre surpreende. Torço por uma nova guinada, de volta à robustez e a opção de cores. Mas acima de tudo espero algo novo, plano, sem mouse, com caneta, fino, *touchscreen,* rodando Mac OS X, minha atual paixão. M

TONY DE MARCO
Trocou o HD do seu iBook laranja por outro maior para poder ser feliz.